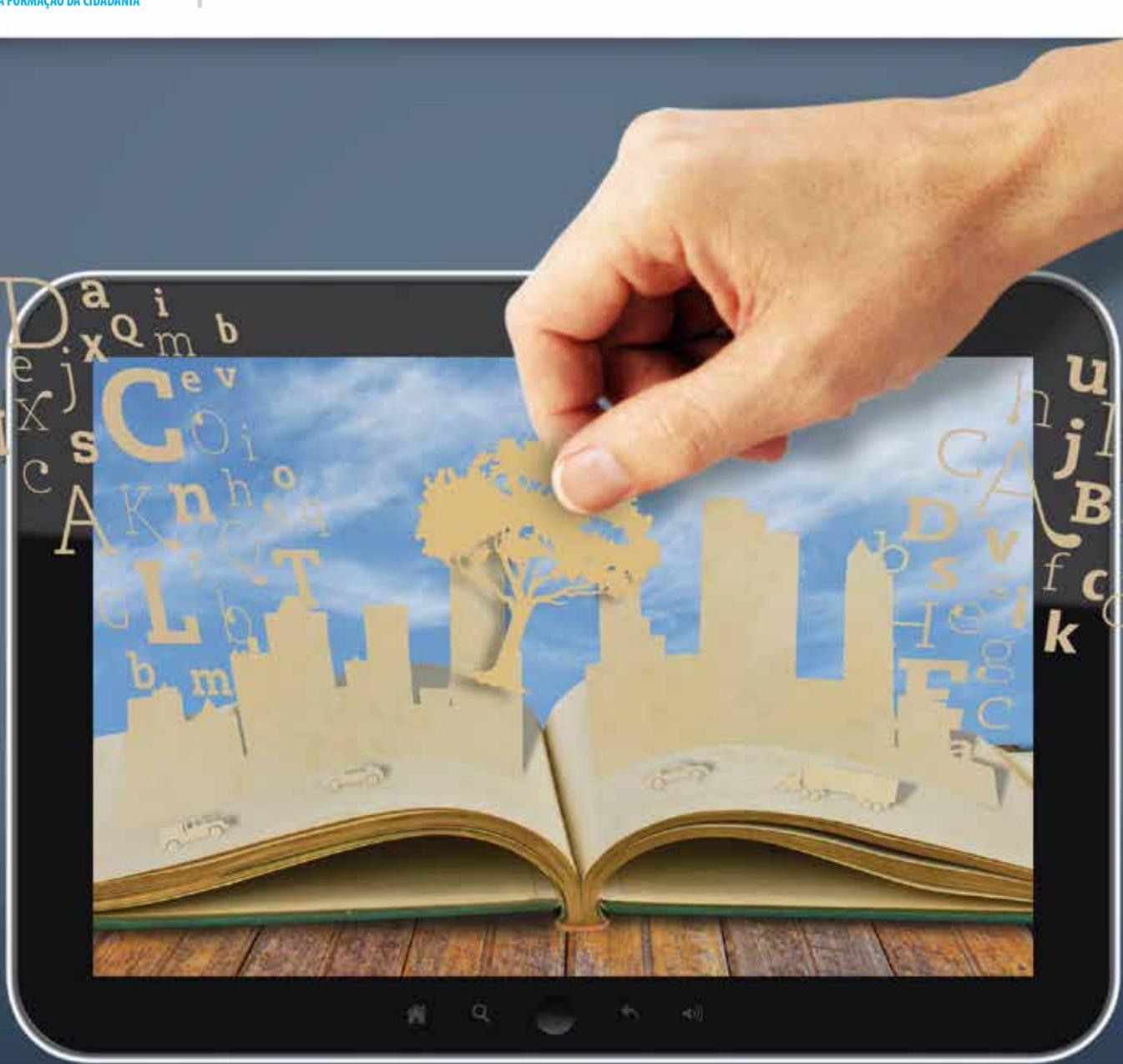




4º CONCURSO
ARTÍSTICO-LITERÁRIO
INSTITUTO SINCADES
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA
PARA A FORMAÇÃO DA CIDADANIA

REVISTA

Academia Espírito-santense de Letras



TEXTOS ACADÊMICOS, TEXTOS E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DOS VENCEDORES DO
4º concurso Artístico-Literário

Expediente

Gabriel Augusto de Mello Bittencourt
PRESIDENTE

Leonardo Passos Monjardim
1º VICE-PRESIDENTE

Getúlio Marcos Pereira Neves
2º VICE-PRESIDENTE

Maria Beatriz Figueiredo Abaurre
3º VICE-PRESIDENTE

Álvaro José dos Santos Silva
1º SECRETÁRIO

Maria das Graças Silva Neves
2º SECRETÁRIO

Francisco Aurélio Ribeiro
1º TESOUREIRO

Ester Abreu de Oliveira
2º TESOUREIRO

José Carlos Mattedi
DIRETOR DE PUBLICIDADE

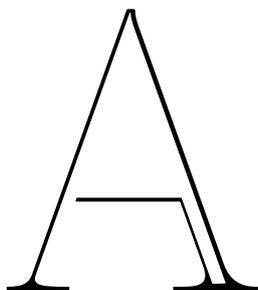
CONSELHO FISCAL
Ítalo Francisco Campos
Josina Nunes Drumond
Samuel Machado Duarte

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Bios

Palavra do Presidente

Gabriel Augusto de Mello Bittencourt

PRESIDENTE DA AEL [2010 - 2013]



Academia Espírito-santense de Letras, também denominada “Casa de Kosciuszko Barbosa Leão”, fundada há 91 anos, na histórica sessão de junho de 1921, é a 2ª entidade cultural em atividade mais antiga do Espírito Santo, só precedida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (1916). Inspirada na Academia Brasileira de Letras, foi criada também nos moldes da Academie Française e destinada, por certo, à “cultura da língua nacional”. Dando início àquela tradição da preferência pelos que laboram nos meios estritamente culturais, mas sem se fixar, contudo, somente nos cronistas, nos contistas, nos romancistas, nos poetas e nos teatrólogos, mas, também, naqueles que se exercitam e se destacam noutros gêneros de escrita: trabalhos de cunho jornalístico, político, filológico, histórico, doutrinário ou científico.

A atual Diretoria (2010-2013) tem-se empenhado no cumprimento das finalidades da Academia e, para isso, estabelece diálogo e procura realizar parcerias constantes com os órgãos que coordenam projetos culturais no Espírito Santo, como a Secretaria de Estado da Cultura, a Secretaria Municipal da Cultura de Vitória e a Lei Rubem Braga, a Rede Estadual de Bibliotecas Públicas e, sobretudo o Instituto SINCADES, dentre outros.

A presente edição da sua Revista, que congrega textos acadêmicos e os textos vencedores do Concurso Literário de iniciativa do Instituto SINCADES, é um projeto de execução da Academia Espírito-santense de Letras; teve como tema “A Importância da Leitura na Formação da Cidadania” e abrangeu as categorias adulto, jovem e infantil, contemplando as modalidades dissertação, poesia e ilustração.

Aos noventa e um anos de idade, completados no dia 04 de setembro último, a Academia Espírito-santense de Letras demonstra sua vitalidade e reconhece seu lugar e a importância que sempre ocupou na sociedade capixaba como órgão cultural de valorização da memória e preservação da cultura literária e histórica.

Aylton Rocha Bermudes

CADEIRA 04

“Grãos da terra”, de Matusalém Dias de Moura

L

er é uma das boas coisas da vida, dizem-no autores de excelso mérito, como nosso inimitável contrerrâneo Rubem Braga, num livro em que enfileira a leitura como dos atos mais prazerosos. Vinícius de Moraes, que fazia magnífica poesia e belas músicas, na *Marcha da 4ª feira de cinzas*, que compôs com Carlinhos Lyra, atinge o ápice da nossa canção popular unindo melodia de toque meio celestial, meio dorida, ao apelo para a explosão da alegria: “... e, no entanto, é preciso cantar, é preciso cantar pra alegrar a cidade...”. Vinícius sabia o que estava dizendo: cantar é uma forma de ler, de participar do sentimento do autor. Ainda sinto o enlevo com que ouvi essa linda canção na voz daquele bloco de acadêmicos, naquela noite, que não acabou, do carnaval do longínquo ano de 1965, em Salvador, Bahia.

Brasileiro lê pouco – repete-se com verdade em comparação com outras gentes. Hoje, como ontem, desde o arroubo juvenil de Castro Alves no “Livro e a América”, é sempre hora de convocar o povo para ler. Leia, leia que há coisa saborosa e educativa para degustar e tirar imenso proveito. Os livros de ciência, indispensáveis, não de ser difíceis. Mas existem livros, muitos livros, que estão ao alcance do povo, que podem e devem ser lidos, como este de Matusalém Dias de Moura, que espelha temas do dia-a-dia, que passam por nós, que podemos conferir, como se diz, senti-los, saboreá-los, aplaudir ou contestar. Matusalém Dias de Moura, menino, rapaz, homem do Córrego dos Coelhoos, membro da Academia espírito-santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, está indelevelmente preso às suas raízes da Serra do Caparaó, em sua Irupi natal, sua Iúna, que ele ama, exalta, critica, defende. Na crônica Terra-Mãe, ele faz a confissão bairrista e meio vaidosa declarada com frequência em outros textos neste livro e noutros, que é vasta a sua produção literária: “Sou muito apegado ao lugar onde nasci – o Córrego dos Coelhoos, zona rural do município de

Irupi. Amo-o e não o esqueço nunca.” Seu jeito de escrever é este: coloquial, direto, simples, às vezes quase ingênuo, com sabor do café tomado com broa de milho, ali, junto do fogão, cujas chamas crepitam no frio aconchegante do pé de serra. Ele se enclausura na simplicidade, que é onde se encontram passagens lindíssimas de nossa literatura, como o famoso verso de Camões que Rubem Braga considerava o mais belo da língua portuguesa: “A grande dor das coisas que passaram.” Essa simplicidade lembra a de Machado de Assis que escreveu a obra prima *Dom Casmurro* com menos de 2 mil palavras.

Matusalém nos convoca para revisitar com ele sítios que o menino pobre, caipira, mas de inteligência aguda e sensibilidade privilegiada viu, absorveu, guardou na lembrança e, agora, nos oferece o privilégio de compartilhar com ele a gostosura da recordação que faz o milagre de não deixar morrer a lembrança do canto daquele sabiá, ao entardecer, daquela flor balouçante na haste frágil, mas que tem força para durar anos e até séculos. Matusalém se refugia e se fortalece nos refolhos da memória fiel e sensível. Generoso, brinda-nos com seu ágape roceiro, mas saboroso, como os quitutes do seu fogão a lenha.

SAMUEL DUARTE

CADEIRA 05

Os Livros e Eu

D

evo esclarecer, para começo de conversa, que o meu respeito pelos livros começou muito antes que eu aprendesse a ler. Lembro-me bem – afinal tenho uma memória de 1 TB – de quando tudo começou. Eu tinha por volta de uns cinco anos e uma curiosidade maior que o corpo. E não era, acreditem-me, essa curiosidade doentia de espiar por buracos de fechadura ou de abrir correspondência alheia. Era a maldita curiosidade de querer saber a razão das coisas. Nem bem aprendera a contar, mal chegara ao número mil e já importunava minha mãe querendo saber qual era o último número que existia. Nem preciso dizer que ficara muito desconsolado, ao saber que os números não tinham fim. Afinal, a compreensão do Infinito era – e ainda é – demasiada fundura para mim.

Naqueles cafundós de São Felipe, onde vivíamos, o tempo parecia se arrastar a passos de tartaruga. Minha mãe, professora rural antes de se casar, nem bem os filhos completavam três anos e já tentava enfiar alguma cultura na cabeça deles. Para isso se valia de seus poucos livros: a inseparável Bíblia de todo protestante, um exemplar de *As Mil e uma Noites* e outro dos *Contos de Shakespeare*, sem se falar na *Vingança do Judeu*, presente do meu kardecista avô paterno, e em um exemplar de *A Cura pela Homeopatia*, de Coelho Sampaio. Ainda hoje relembro com saudade aquelas noites escuras, com minha mãe lendo à luz do seu lampião, os sapos resmungando na lagoa e as nossas sombras, grandes e deformadas, dançando pelas paredes.

O mundo que havia naqueles livros era tão diferente do mundinho em que vivíamos como a água do vinho. Eu sonhava com eles e, na minha ingenuidade de criança, pensava que todos aqueles reis, rainhas fadas e princesas, sem falar em seus reinos, castelos, mares e navios, estava logo ali, pertinho, pouco depois da vila de São Felipe. De todas as histórias que os evocavam, as minhas prediletas eram as de Aladim e sua lâmpada ma-

ravilhosa e de Ali-Babá e dos seus 40 ladrões; e queria crescer logo para poder ler e entrar no mundo mágico que havia nos livros, mais maravilhoso para mim que as riquezas da caverna de Ali-Babá. Ainda bem que minha mãe, com a intuição de todas as mães, incentivava o meu pendor para os livros e as suas histórias. Disse-me certa vez, muito séria, que tudo quanto havia no mundo estava escrito nos livros. Aquela afirmação me pareceu meio forte. “Até a Pedra da Roseira – e aponte para o monte que se levantava perto da nossa casa –, e o Corguinho da Vargem do Cedro?” – e mostrei o riachinho que serpenteava atrás do paiol “Tudo – respondeu ela –, num livro enorme chamado Geografia.” E, a partir desta data, passei a respeitar a geografia.

Mas eu crescia e meus pais precisavam aproveitar a curiosidade inata do menino perguntador. E lá me vi eu, menino bobo da roça, que não sabia nem chutar uma bola, de malinha nas costas, arribando em Cachoeiro, para morar na casa de um irmão de fé de minha mãe, a fim de estudar e tentar saciar a minha enorme curiosidade.

Guardo dessa época recordações tristes e prazerosas ao mesmo tempo. O meu hospedeiro, que era pastor protestante e diretor de uma escolinha primária, possuía livros em quantidade; a grande maioria deles estava à disposição de quem quisesse lê-los. E eu, que chegara semi-alfabetizado por minha mãe, logo estava afundado neles até ao pescoço. Ainda capengava na leitura, mas já vibrava com Robinson e seu Sexta-Feira, com Gulliver e seus liliputianos e até, pasmem, com o *Novo Testamento*. Devo confessar, porém, que a leitura deste último foi meio dificultosa. Eu, que não conhecia ainda a acentuação, pensei que se travava de um jogo de futebol: Era “para bola” pra lá, “para bola” pra cá. Menos mal que entre os livros do mestre acessíveis ao “grande público” havia uma coleção do *Tesouro da Juventude*. Neles eu mergulhei como um viajante perdido e sedento mergulha em um rio de águas cristalinas.

A leitura dos dezoito volumes do *Tesouro* marcou o meu ingresso no mundo da realidade. Larguei o mundo dos sonhos para trás; tudo quanto existia estava ali, ao alcance das minhas mãos, pelo milagre da leitura. Ciência, literatura, poesia, pintura, era um nunca acabar de informações. Uma das muitas seções daqueles livros grossos, bem encadernados e impressos em papel couché, me marcou mais que as outras: chamava-se “O Livro dos Porquês”. “Por que chovia, por que o arco íris tinha sete cores, por que ventava?” e ia por aí a fora. Conclusão: em pouco tempo e com o auxílio daquelas leituras, o guri de oito anos – perdoem-me a falta de modéstia – já tinha a cabeça de um adolescente de quinze, tal o cabedal de conhecimentos que acumulara. Não havia encontrado ainda, em nenhum mapa orográfico, a Pedra da Roseira ou o Córrego da Vargem do Cedro, mas sabia que era apenas uma questão de tempo e breve, breve, toparia com eles.

Em poucos anos, devorei todos os livros da democrática estante aberta ao grande público. Faltava apenas penetrar no éden da estante envidraçada, fechada a sete chaves, onde avultavam as lombadas douradas de coleções e mais coleções de clássicos: Homero e sua *Iliada* e *Odisséia*; Virgílio e sua *Eneida*; Camões e seu *Os Lusíadas*; Vieira e seus *Sermões*; Guerra Junqueiro completo e, para excitar ainda mais a minha curiosidade, a *Nova Floresta*, do padre Manuel Bernardes.

Certo dia, ao encontrar a chave esquecida na fechadura, eu peguei a *Nova Floresta* e já me preparava para abri-la, quando fui surpreendido pelo dono da casa. Temi uma repreensão, mas os meus temores logo se desvaneceram. “Olha, menino – ele disse –, é preciso ter muito carinho

com os livros; é só tratá-los bem e eles nos acompanharão a vida inteira”. A seguir, ele ensinou-me a manusear aquelas preciosidades: lavar as mãos antes de abri-los, virar as páginas, delicadamente, pelo seu canto superior, cuidar de forrar a mesa para não sujar as capas, etc. Depois que me flanqueou a sua caverna de Ali-Babá, eu não precisei mais de nenhum “abre-te-sésamo” para acessá-la. Era só lhe pedir a chave e logo estava às voltas com uma daquelas joias. Tenho que admitir, porém, que os *Sermões* de Vieira cansaram-me, que a *Ilíada* me pareceu um morticínio só, mas, em compensação, adorei os apólogos e as historietas espirituosas da *Nova Floresta*. Ao deixar aquela casa que me abrigara por cinco anos, eu já estava contaminado pelo bendito vírus da Leitura; mas creio, sinceramente, que uma epidemia desse vírus não faria mal algum ao Brasil e aos brasileiros.

Após me tornar um bibliólatra, tal o cuidado que punha no manuseio dos livros, eu, já no Ginásio, conheci A *Coleção Saraiva* que a grande editora vinha de lançar e cujos títulos eram vendidos a preços populares. Breve eu estava economizando na merenda da escola para poder comprar os primeiros volumes publicados. Bem diferente dos clássicos do pastor, a Saraiva priorizava as obras populares e os grandes autores estrangeiros, apesar de, vez por outra, publicar algum autor brasileiro de renome. Foi assim que as janelas da literatura se abriram de par em par para mim. Conheci o mundo. Jornadei pelas estepes russas com Júlio Verne e *Miguel Strogoff*, pelos campos de Waterloo com Erckmann-Chatrian, pelas ruas de *Pompeia* com Lord Lytton, pelos *Sertões do Araguaia* com Hermano Ribeiro da Silva; defendi o *Santo Sepulcro* com Zofia Kossak, naveguei pelos sete mares no *Brigue Flibusteiro* de Virgílio Várzea, enfim, palmilhei tantos lugares e aprendi tanta coisa com aquela bendita *Coleção* que, se os meus neurônios não entraram em pane foi porque – ao contrário do que pensam os preguiçosos – o cérebro humano é subtilizado e nele cabe muito mais informação do que se imagina.

El leer mucho o el veer mucho avivan los ingenios, já dizia o mestre Cervantes; e os portugueses respondiam do outro lado da raia: “o homem, ou bem lido ou bem corrido”, o que é praticamente o mesmo. Como nunca fui muito de “andar com os tarecos em bolandas”, preferi ler. Assim, tão logo os meus parques haveres o permitiram, comecei a comprar livros. Mas, ao contrário de um jovem advogado da minha terra que só comprava seus livros - quaisquer que fossem -, por metros, para enfeitar a estante do seu recém-inaugurado escritório, eu sempre fui muito criterioso nas minhas aquisições. Ouso afirmar que, apesar de ter apenas uns 1500 livros, quase todos os grandes autores estão bem representados na minha biblioteca: dos clássicos greco-romanos aos escolásticos, dos poemas de Homero, Dante e Milton aos simbolistas franceses, dos grandes romancistas que estiveram na moda e hoje jazem no esquecimento, aos mestres da ficção científica, Azimov e Arthur Clarke. É desnecessário dizer que reservei um escaninho para a poesia inspirada, aquela que brota da alma, e nunca fiz distinção de escola ou de estilo; nele convivem em boa paz, desde os clássicos Homero e Camões, até os modernos Verlaine, Jorge de Lima e Garcia Lorca. Também fiz questão de prestigiar a “prata da casa”: devo ter mais de uma centena de obras de autores capixabas devidamente autografadas, o que muito me envaidece.

Nesta quadra da minha vida, posso afirmar com sinceridade que todas as minhas paixões de outrora, como a Caça e a Pesca, ficaram para trás. A única que me restou foi a primeira

delas, a Leitura, e tenho certeza que essa não me abandonará jamais, pelo menos enquanto o Alzheimer e a visão o permitirem. Através dela realizei o sonho que sempre almejei realizar, o sonho do menino curioso que ainda sou: entender um pouco, um pouquinho só, da História do Mundo e dessa triste humanidade que o povoa.

Fala-se agora no livro eletrônico. As últimas notícias que me chegam dão conta que, nos Estados Unidos, eles já representam 30% dos títulos vendidos. Este é um modismo, como tantos outros, que não seguirei. Prefiro ser o eterno homem dos anos 30, daqueles tempos em que era mais prazeroso – e, por que não dizê-lo? –, mais seguro se viver; daqueles tempos em que havia mais ilusão nos corações e mais fé e esperança no Porvir. Sei que continuarei arrastando, nas minhas mudanças de domicílio, não o baú de ossos de Pedro Nava, mas um baú de livros aos quais devo tudo que sou. Mas, em compensação, terei sempre o prazer de saber que, da quietude da minha biblioteca, poderei dialogar com algumas das mentes mais iluminadas que me antecederam no caminho do Tempo. Eles se foram, como seres humanos que eram, mas estarão sempre prontos a descer das prateleiras e a partilhar com este humilde discípulo toda a sabedoria com que o Criador dos homens houve por bem aquinhoá-los.

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

CADEIRA 06

Para que ler literatura nos tempos atuais?

“A criação não pode completar-se sem a leitura, já que o artista deve confiar ao outro a tarefa de terminar o começado; um autor só pode perceber-se essencial à sua obra através da consciência do leitor.” J. P. SARTRE

P

rimeiras décadas de um novo século, depois de termos vivido o “breve” século XX, que nos trouxe as marcas de um tempo e de uma cultura que se esvaíram no ar. Um século que apresentou, em sua primeira metade, uma crença na utopia, no triunfo da técnica e da ciência, na modernização da sociedade, no fim do colonialismo, que se foi diluindo com as sucessivas guerras, culminando com a 2ª Guerra Mundial e a morte dos principais modernistas: Proust, Joyce, Virgínia Woolf e Mário de Andrade, entre nós. A Pós-Modernidade, com seus rituais de ruptura, experimentação e transgressão, colocou em cena a crise da modernidade, o descompasso entre a modernização social e a modernização estética, o fim dos grandes relatos (Ciência, Filosofia, Moral, Religião, Política, História), terminando, talvez, com a ruína da URSS(1991) ou o ataque terroristas às torres nova-iorquinas(2001).

No início deste novo século, o XXI, marcado, segundo Gilles Lipovetsky, pela “Era do Vazio” (2005), pela sociedade de consumo, pelo hedonismo narcísico e pela violência, qual o papel da Literatura e, mais especificamente, como deverá ser o leitor e escritor deste século, em tempos de informatização e de virtualidades? Em primeiro lugar, retomemos alguns conceitos inseridos no tema, dentre eles, o de “leitor”, “leitura”, “escritor”, “literatura”.

Iniciemos pelo dicionário: **Leitor** = [Do lat. ‘lectore’.] Adj. 1. Que lê; ledor. 2. S.m. Aquele que lê, ledor. **Leitura** = [Do lat. Medieval ‘lectura’] s.f. 1.

Ato ou efeito de ler. 2. Arte de ler. 3. Hábito de ler. 4. Aquilo que se lê. 5. Que se lê, considerado em conjunto. 6. Arte de decifrar e fixar um texto de autor, segundo determinado critério. (**Dicionário do Aurélio**, p. 829). Pode-se observar, nos dois conceitos, tanto de **leitor** quanto de **leitura**, a ideia de ação, continuidade, hábito, formação. Tanto o sufixo ‘or’, do substantivo e do adjetivo “ledor/leitor” quanto o sufixo ‘ura’ indicam, em língua portuguesa, um agente e uma ação. Portanto, estamos falando de um “leitor ideal”, aquele que, segundo W. Iser, ‘deveria ter o mesmo código que o autor’ ou aquele que “deveria ser capaz de realizar na leitura todo o potencial de sentido do texto ficcional” (ISER, W. **O ato da leitura**. Uma teoria do efeito estético. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 65).

No entanto, a história da recepção dos textos nos revela que a recepção do texto escrito, verbal ou visual, literário ou não, se atualiza de maneiras muito diferentes. Não é possível, em um só momento, produzir-se toda a diversidade das possíveis significações de um texto, já que os sentidos de um texto podem ser realizados sucessivamente, em diferentes leituras e em diferentes momentos do processo de formação de um leitor.

Na relação tradicional **autor/texto/leitor**, o **autor** projetava uma imagem de si próprio e a duplicava no leitor. Esse tornava-se o ‘alter ego’ do emissor textual, a partir de sinais retóricos que orientavam a reconstrução do texto conforme o desejo ou a intenção do autor ou de sua ideologia. Uma leitura, ou recepção, bem sucedida previa consenso entre duas instâncias, a de produção e a de recepção do texto literário. Esse tipo de figura de leitor supunha um sentido independente, exemplar, pré-concebido da obra literária e uma atitude contemplativa, receptiva, alienada, passiva do leitor em relação ao sentido formulado pelo texto.

Também o conceito de “escritor” ou “autor” tem sofrido diferentes variações, no tempo e no espaço. Do antigo “escriba”, doutor da lei, entre os judeus, a funcionário do faraó, entre os egípcios, ao “copista” dos textos manuscritos, na Idade Média; do “autor oral”, da Idade Média, ao “autor moderno”, surgido com a edição impressa, do conceito de “direito autoral”, consagrado a partir do século XIX, a figura do “escritor profissional”, liberal, ao conceito atual, pós-moderno, de “morte do autor”, posto que não existe o “sujeito”, segundo FOUCAULT, muitos caminhos foram trilhados.

Até a Idade Média, predominou o conceito “divino” de escrita baseada na inspiração. O escritor era o escriba de uma “Palavra” que não era dele, pois vinha de outro lugar. Da Idade Média à Moderna, criou-se o conceito de originalidade, em que “escritores” são os que compõem uma obra, original, fruto de seu trabalho e de sua criação. O inglês faz a distinção entre “writer”, o que escreve alguma coisa, e “author”, aquele cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto. Também o francês distingue o “écrivain” do “auter”, diferenciando o que escreveu um texto que permanece manuscrito, sem circulação, do que publicou obras impressas.

Com a Pós-Modernidade, difundiu-se o conceito de “morte do autor” e a ascensão, ou a revitalização, do conceito de “leitor”. Sabe-se, hoje, que a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados novos em diálogos entre e intratextos.

Segundo Michel de Certeau, “o leitor é um caçador que percorre terras alheias”. Apreendido pela leitura, o texto, esse tecido de significados, não tem, exclusivamente, o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus analistas ou apresentadores. O conceito de leitura atual

supõe, em princípio, a liberdade do leitor que desloca e subverte a leitura, ou o sentido que o livro lhe pretende impor. Só que a liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cerceada por limitações derivadas das capacidades, convenções, hábitos, (de)formações que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura.

Adentramos o século XXI e, diferente do que se propaga, nunca se leu tanto quanto na época atual, mesmo no Brasil. É cada vez maior o número de leitores de jornais e de revistas diversas; autores de obras infantojuvenis como Ziraldo, Ruth Rocha, Ana Maria Machado e muitos outros já ultrapassaram, há muito, a marca de milhões de livros vendidos; mas penso, sobretudo, no leitor do futuro, ou melhor, o jovem que, cada vez mais, navega na internet e constrói o seu texto de prazer ou de informação. Esse jovem “navegante” tem, hoje, o mesmo sentido de Ulisses, o herói mítico de Homero, personagem símbolo do texto literário e que, agora, pode ser retomado para ressignificar o leitor dos tempos pós-modernos.

Em primeiro lugar, não tememos o fim do livro ou da leitura. Vivemos em época de crise, sim, mas a crise que vivemos, neste início de século, não é muito diferente da crise vivida ao final da antiguidade clássica e no advento da Idade Média; na crise anterior à Ilustração, à Revolução Francesa e à Revolução Industrial, antecedentes históricos do que se chamou Modernidade. Bárbara Tuchman, em **Um espelho distante**, chega a comparar o final do século XX ao final da Idade Média, sobretudo ao século XIV, época de guerras, de fome e da peste. Esses flagelos, que assombraram todo o século XX, e que recrudescem, neste início de século e milênio, com as guerras ideológicas na África, no Iraque ou Afeganistão; as guerras sociais nas ruas de Rio, Macaíó, Vitória ou Joanesburgo; a fome que assola mais de um terço da humanidade e as doenças antigas que retomaram sua força, como o cólera, a tuberculose e as novas, como a Aids, o Ebola, a da Vaca Louca ou do Frango Asiático, trazem-nos a certeza de que a Modernidade é um sonho ou um projeto humano ainda não concretizado.

Hoje, a biblioteca virtual, eletrônica, digital está à disposição de cada leitor, sem sair de casa, mas ela não substituirá a biblioteca tradicional e nem o livro individual. Nas sociedades tecnologicamente mais avançadas que a nossa (EUA, Canadá, Europa) é o que ocorre. A informatização não substituiu a imprensa, ou o texto escrito, para o registro e a disseminação do livro, assim como a televisão não eliminou o cinema e nem este, o teatro.

A televisão, o computador, os jogos eletrônicos, o cinema, livros, jornais e revistas são tanto instrumentos de informação, lazer ou alienação. Por isso, a pergunta que se faz, agora, é: como deve ser a formação desse leitor e escritor dos tempos hipermodernos, desses jovens que têm tantos recursos de informação/formação/lazer à sua disposição, e não estão preparados para lidar com eles?

Acredito que a chave esteja na redescoberta do humanismo ou da humanização. De que adianta o computador e todos os seus recursos, ou os cinemas e a televisão, com seus filmes e programas que estimulam a violência, o sexo pelo sexo ou o materialismo consumista? E, talvez, aí esteja o papel permanente da Literatura e de outras Artes para tornar os seres humanos mais humanos, sensíveis, solidários, fraternos.

A Literatura, segundo Antonio Candido, constitui-se de “criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde

o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Nesse aspecto, a literatura, em seu sentido amplo, é uma manifestação universal de todos os homens, em todas as épocas.

Antonio Candido compara a Literatura ao sonho e ao devaneio, necessidades vitais do homem, e afirma ser a Literatura “o sonho acordado das civilizações”. Por isso, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho, também não há equilíbrio social sem a literatura. Mais ainda, destaca o mestre que a Literatura é fator indispensável de humanização e confirma o homem na sua humanidade.

Ítalo Calvino, em **Seis propostas para o próximo milênio**, advoga para a imortalidade das artes e mais especificamente, da Literatura, as seguintes características: leveza, rapidez, visibilidade, exatidão, multiplicidade e consistência. A elas, eu incluiria “Humanização”. Sartre, em seu clássico **Que é Literatura?** afirma que “Um dos principais motivos da criação artística é certamente a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo”. Por isso, ela é, ao mesmo tempo, uma manifestação individual e social de humanidade.

Neste século XXI, o que sobreviverá? Quem sabe virá um novo Iluminismo, uma volta ao Racional e ao Humanismo. Após um século que se extinguiu com a coisificação do homem, e caberia citar, aqui, Drummond, com seu poema “Eu-etiqueta”, deverá o homem retomar, para sobreviver, os princípios renascentistas em sua busca do Humanismo. Se o século XX foi, sobretudo em sua 2ª metade, um retroceder à Idade Média (Tuchman) ou a um Neobarroco (Severo Sarduy ou Omar Calabrese), deverá ter o XXI, era de Aquarius, uma conciliação da racionalização progressiva da vida e dos valores humanísticos. Ou, então, não sobreviveremos.

Suponho até que esse processo já se encontre delineado na Literatura destes últimos anos. Vejo, por exemplo, no diálogo da Literatura com a História, sobretudo a partir dos anos oitenta, uma ficção que ilumina a História, parodiando-a, confirmando o que Walter Benjamin nos propusera, em seu texto clássico: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. Autores contemporâneos estabelecem um olhar crítico e questionador do tempo histórico, usando o texto literário para iluminá-lo.

Outro aspecto que vejo como antecedente de um provável Humanismo futuro, já presente em dias atuais, é a questão do multiculturalismo, cujo enfoque central são os conceitos de hibridismo e de alteridade, que obrigam a repensar a história literária, nos últimos vinte anos. Com a organização das mulheres e dos grupos chamados minoritários, negros, homossexuais e de outras minorias marginalizadas, o enfoque falocrata, branco e cristão, predominante até o século XX, é obrigado a ceder lugar às outras vozes até então discriminadas. Não se pode mais, por exemplo, estudar a historiografia literária, sem analisar a participação das mulheres no Romantismo, e Nísia Floresta jamais poderá ser esquecida na luta pela liberação feminina no Brasil; na campanha abolicionista, se impõem os nomes de Maria Firmina no Maranhão e Narcisa Amália, no Rio de Janeiro; na luta pelo sufrágio, na 1ª metade do século XX e na literatura homoerótica, nos últimos 20 anos. Em **Dialética da colonização**, Alfredo Bosi é taxativo: “Pode-se passar da raça para a nação, e da nação para a classe social (cultura do rico, cultura do pobre, cultura burguesa, cultura operária), mas de qualquer modo, o reconhecimento do plural é essencial”.

Em obra escrita há algum tempo, **Por que Literatura**, L. Costa Lima nos propõe uma resposta ao título de sua obra, que gostaria, agora, de retomar. Cito-o: “A arte e a literatura se justificam por expressarem, a partir do **locus** semântico do polissêmico (Della Volpe), uma visão articulada do tempo. Visão que ao leitor ou ao espectador conseqüente não pode ser apenas motivo de contemplação, elemento de desfrute, prazer dos sentidos, porém mais do que isso, condição para o entendimento crítico da realidade. E quando dizemos crítico pensamos em um ato que não se encerra em compreender, mas em atuar a partir desta compreensão”.

A partir da citação de Costa Lima, poderíamos, então, perguntar: mas que literatura é essa que propicia o entendimento crítico da realidade? Certamente não é a do tipo Vampiro ou a de Paulo Coelho e Dan Brown. Esta é uma literatura de massa, de consumo imediato e que muito pouco favorece uma “leitura crítica da realidade”. Estamos falando de uma obra literária que é, segundo A. Candido, “uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; uma forma de expressão, pois manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; uma forma de conhecimento, inclusive como corporação difusa e consciente”.

Como objeto construído, a obra literária apresenta, em sua estrutura, um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. Ao tirar as palavras de sua experiência de mundo, do inconsciente e do conhecimento da realidade, o escritor estabelece com o leitor o poder humanizador dessa construção. Daí, o indispensável papel do leitor, evidenciado pela teoria da estética e da recepção, para atribuir significado ao texto. Por exemplo, a crítica “engajada” dos anos 50/60 chamou a literatura de Machado de Assis de alienada, por não ter sido “panfletária”, denunciando o escravismo, no século passado. Hoje, a crítica contemporânea olha, com outro olhar, a obra machadiana e sua ironia e crítica não só à escravidão, mas a toda uma classe social, a burguesia, e às injustas estruturas sócio-político-econômicas em que se formaram. Mudou a obra de Machado de Assis? Não, o que mudou foi o leitor e a leitura que se faz de sua obra, hoje. Machado morreu, na primeira década do século XX. Sua repercussão, no entanto, é tamanha que foi escolhido como o maior escritor desse século.

Assim como a invenção da imprensa não matou a literatura popular e o conto folclórico, ao final da Idade Média, mas os massificaram; assim como a invenção do cinema não acabou com a literatura, ao final do século XIX, mas a revitalizou; assim como a televisão não acabou com o cinema; o computador não eliminou a televisão e a internet não substituiu os correios e os filatelistas, a literatura não morreu, neste início de século, e permanecerá viva enquanto elemento essencial para a **humanização**, processo que, de acordo com A. Candido, confirma no homem traços essenciais como “o exercício de reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”. Encerro este texto, citando, novamente o mestre: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante”. Por tudo isso, ela continuará sendo ensinada e lida neste século, e essencial, enquanto houver vida humana. Voltemos aos livros, pois. Que eles nos ensinem o sentido do “humano”, que perdemos, e a recuperar o “tempo da delicadeza”, de que nos fala Chico Buarque, em “Todo sentimento”.

JOÃO BAPTISTA HERKENHOFF

CADEIRA 08

Os mistérios da leitura, os caminhos do livro

I nspiradamente, nossa Academia Espírito-Santense de Letras decidiu escolher a Leitura, como tema da Revista da Academia, edição de 2012. Atendo a convocação acadêmica, comparecendo com este texto para a coletânea. Começo com a narrativa de um fato e avanço em considerações. Recebi uma carta de Juazeiro do Norte, Estado do Ceará. A remetente é uma jovem advogada, Salete Maria da Silva. Num belíssimo e inteligente texto de três páginas, Salete Maria produz uma análise profunda, sensível e competente de nosso “ABC da Cidadania”. Faz inclusive um justo reparo ao trabalho, no capítulo “Participação popular – o povo construindo sua própria história”. Não sei se tive, em toda minha bibliografia, um livro comentado com tanta alma e com tão ampla visão humana e política... Valeria a pena todo o esforço para escrever este livro, se a recompensa fosse tão somente receber a carta de Salete Maria. O curioso é como esse pequeno livro chegou às mãos da advogada. O fato é narrado por ela. Um amigo da advogada, residente em Juazeiro do Norte, veio a Vitória visitar parentes. Quis conhecer a “Casa do Cidadão”, criada na administração do Prefeito Paulo Hartung. Naquele espaço do povo, encontrou o “ABC da Cidadania”, livro que o Pastor Joaquim Beato, então Secretário Municipal de Cidadania, com a sensibilidade do poeta e a capacidade executiva do fazedor de coisas, teve a bondade de me convidar para escrever. Na Casa do Cidadão, o livro é distribuído de graça às pessoas que manifestem interesse pela respectiva leitura. Iniciativa do Secretário Pastor Joaquim Beato, no Governo do então Prefeito Paulo Hartung, o ABC foi reeditado nas administrações do Prefeito Luiz Paulo Vellozo Lucas e do Prefeito João Carlos Cóser. A publicação e reedição do “ABC da Cidadania” por três Prefeitos, de três partidos diferentes, é por si só uma expressiva Lição de Cidadania. O “ABC da Cidadania”, saindo de Vitória, chegou aos domínios do Padre Cícero e às mãos

de Salete Maria. O livro, esse objeto retangular inconfundível, tem muitas vezes esse tipo de trajetória. Uma trajetória não convencional, surpreendente.

Em Pelotas (RS), conheci um jovem que me impressionou pela inteligência e argúcia. Num seminário que ministrei naquela cidade gaúcha, para um público predominante de universitários, as perguntas desse jovem eram as mais instigantes. Porque educou a postura, para olhar o interlocutor sempre de frente, de olhos abertos, não percebi que o jovem era portador de uma deficiência física. Era cego. Só depois verifiquei a circunstância porque, para andar, ele precisava de ajuda. E de sua própria boca ouvi, dito com a maior naturalidade, que era cego. O jovem, que se chama José Antônio de Souza Guedes, pediu-me que lhe mandasse os disquetes de meus livros. Poderia ouvir os textos, através do computador. Atendi seu pedido em parte, como esclareço a seguir, e lhe mandei também o volume da obra “Uma porta para o homem no Direito Criminal”, da qual não tenho disquete. Registrei na primeira página do livro esta dedicatória: “Prezado José Antônio, - Atendendo seu pedido, estou enviando os disquetes de meus livros para que, no seu computador, você converta a linguagem. Trata-se dos seis livros mais recentes. Dos livros mais antigos, não tenho disquete porque antes eu não escrevia em computador. Envio-lhe apenas um livro, que não é em disquete: é este aqui, para que você o pegue e o sinta nas mãos. Com sua percepção extrassensorial, sei que este toque vai lhe dizer muita coisa. Todos nós somos, de alguma forma, deficientes. Percebi que você não enxerga, mas vê, porque é portador de uma sensibilidade incomum. Você foi a pessoa mais importante que conheci em Pelotas, não obstante tenha conhecido também outras pessoas importantes – o Juiz, o Prefeito, o Vigário. Talvez, algum dia, você seja um magistrado porque uma deficiência física não impede alguém de ser um grande juiz. Muitos enxergam com os olhos, mas não têm capacidade de ver com a alma. São maus juizes. Você enxerga com a alma. Hoje há gravador, computador e mil recursos, além da possibilidade de você contar com a ajuda de um secretário ou secretária que supra a deficiência visual. Peça que um amigo lhe faça a leitura do despacho da página 125 e seguintes. Refere-se à liberdade concedida a um jovem, que era a luz de um irmão cego. Eu lhe desejo muitas felicidades, José Antônio. Fraternalmente, o JBH.” José Antônio escreveu-me uma linda carta agradecendo o presente. Sua mãe telefonou-me, dizendo que o filho andava com o livro debaixo do braço, para mostrar a todos os amigos, feliz que ficou por receber um livro, que não lia, mas que podia sentir.

Assisti certa vez a uma entrevista do Ziraldo, na televisão, a respeito do livro. Ziraldo dizia que o livro nunca será substituído. Não há tecnologia que o suprima, não há avanço da informática que o torne dispensável porque o livro tem esse mistério, esse poder de comunicação. O livro tem alma. Acho que foi isso que Ziraldo quis dizer. Por causa dessa alma, as crônicas do jornalista José Costa, publicadas em jornais e revistas, foram resgatadas em livro. São crônicas cheias de humanismo, fino humor e poesia. Numa perspectiva, ao mesmo tempo local e universal, José Costa soube apreender, nessas crônicas, a paisagem física e humana de nossa terra. Os órgãos culturais, as lideranças políticas e empresariais deram à inteligência capixaba, como preciso presente, o resgate dessa memória. Neste breve texto, narrei os milagres que o Livro faz e as emoções que a Leitura proporciona.

ÁLVARO JOSÉ SILVA

CADEIRA 14

O velho Jonas aos 80

E

le está sentado em uma poltrona da sala de visitas, numa bela manhã de domingo, esperando o almoço ser servido. No apartamento da filha, conversando com o genro, a uma pergunta banal sobre um quadro, começa a contar as partes mais interessantes da história de sua octogenária vida. Uma história que começa e termina num desabafo: “Eu não estudei. Não tenho leitura. Naquela época, os pais colocavam os filhos para trabalhar na lavoura muito cedo”. De preferência, logo que começavam a andar.

Com ele foi assim. Ainda era menino quando o pai, Isaías, recebeu um pedido, quase ordem, de um amigo num final de tarde: “Mande o menino levar essa mula para a casa de minha mãe”. Era uma viagem longa, no lombo do próprio animal, atravessando matas do interior baiano, em picadas nelas abertas. A ordem foi dada. E o garoto, quase criança, atravessou uma noite inteira montado, passando sustos, em escuridão completa, até cumprir a determinação do pai. E ele não discutia ordens. Só as dava e nada mais.

Num determinado trecho, o animal empacou. Grunhia e não avançava. Alguma coisa branca havia à frente. Facão na mão, o menino amarrou a mula a uma árvore e deu um golpe contra o solo. Era só uma planta comum na região, folha bem longa, branca de um lado e cheia de espinhos do outro. Susto vencido, ainda restava todo um final de noite até chegar ao destino.

O homem sentado à poltrona, ao lado do genro, tem 80 anos. Chama-se Jonas. Fala sem mágoas, quase conformado: “Já fui tudo na vida. Lavrador, vaqueiro, lenhador, garimpeiro, padeiro, trabalhei no braço a vida toda”. Os pais, Isaías e Sebastiana, a Tiana, chegaram a ter posses. Eram do interior de Minas Gerais, região de Jequitinhonha. Depois, foram para Me-deiros Neto, na Bahia. Além de alguma terra e dois lotes de burros (cada lote compreende dez animais), eles moravam em uma casa rural com relativo

conforto, às margens de um rio de águas limpas, como eram quase todos então. Vida boa para aquela época sem estradas, televisão e, no caso, até mesmo rádio.

Mas, um dia, Isaías foi apresentado ao garimpo baiano na localidade conhecida como Jaquetó. Ganhou algum dinheiro no início e se empolgou. Sem conhecer os meandros dessa atividade ingrata, passou a investir suas reservas. Ficou obcecado pela “profissão”. Primeiro, atuou como capitalista, o garimpeiro que financia outros quatro na busca de pedras preciosas, pagando todas as despesas. Mas, depois de perder quase tudo, trabalhava como garimpeiro mesmo, subordinado a outros. Até que, um belo dia, não se sabe quando nem onde, uma barreira o soterrou. Morreu debaixo de terra, sob entulhos, sepultado pelo sonho do garimpo. E longe da riqueza que a miragem das pedras preciosas um dia lhe havia prometido.

Muito antes disso, no afã de ganhar dinheiro, ele já havia vendido as terras, os animais e outros bens preciosos. O último deles, a casa confortável à margem do rio, foi embora também. A família acabou jogada em um simples barraco de madeira, com um burro para ajudá-la a viver. Dona Tiana ficou sozinha para cuidar da prole, pois o marido nunca mais retornou à casa. Até as circunstâncias de sua morte só foram conhecidas muitos anos depois.

Como a esmagadora maioria da população rural brasileira daquela época, Jonas, o então menino hoje com 80 anos, também teria ficado analfabeto. Mas um primo pediu aos pais para levá-lo consigo a outra região. Autorização dada – era menos uma boca para alimentar, – lá se foi ele. Dos tempos da vida longe dos pais e irmãos, ganhou o único bem intelectual que levou, em parte, para o resto da vida: uma instrução formal básica, não se lembra ele mais se até a segunda ou terceira série do primeiro grau. E como tudo o que acontecia então, sem ler qualquer coisa, sem poder obter livros ou frequentar outras escolas e bibliotecas, aos poucos, foi perdendo parte do conhecimento que obtivera. Restou, precariamente, saber ler e escrever. O elementar.

Jonas se recorda de que na vida rural mineira e baiana – mais tarde ele viria para o Espírito Santo, casado com a prima e viúva Luzia para criar os quatro filhos desta e os quatro que teriam juntos – nem mesmo os mais ricos se preocupavam em dar instrução formal aos filhos. Nas proximidades das fazendas onde viviam, não havia escolas. Nas pequenas cidades distritais, algumas poucas e muito precárias. Mas o importante para aquela gente era colocar os rebentos na lavoura. No pastoreio. Na vaquejada. Nos trabalhos domésticos. Onde houvesse dinheiro a ganhar ou a apostar. Como era o caso do duro e sempre perigoso garimpo de ouro ou pedras preciosas.

Ele se recorda: “A gente ouvia tiro a noite toda na Bahia. Não parava nunca. Às vezes os garimpeiros pegavam algumas pedras de pouco valor e as enterravam nas margens de algum rio. Depois diziam que as haviam encontrado lá”. Corria todo mundo. A turba se deslocava como avalanche. E até o embuste ser descoberto, outras lavras estavam sendo pesquisadas onde realmente poderia ser descoberto muito dinheiro em meio à areia e as águas, de dia e à noite revolvida nas margens daqueles rios. Só que as disputas e farsas geravam inimizades. Por elas, o barulho dos tiros não parava. No ambiente “sem leitura”, sem ensino formal, o autodidatismo era o do gatilho.

Os garimpos constituíam “posses”. Geralmente, pequenos pedaços de terra tomados no meio da mata, à margem dos rios e onde se acreditava haver riqueza. Não importava se terra pública ou privada. A “posse” do garimpo era abandonada somente depois de exauridas todas as possibilidades de se encontrar pedras, dinheiro. Ou, então, quando elas acabavam. Nesse meio tempo, eram defendidas. De preferência, com armas já sacadas.

O velho conhece muita história de gente que perdeu tudo. Como até os mais ricos não haviam estudado e o analfabetismo era doença crônica em quase todos os lugares, como saber o que estava escrito em um papel onde a impressão digital tinha sido deixada? Na maioria das vezes, acreditava-se na palavra dos que “liam” os textos. E, em algumas ocasiões, perdia-se tudo o que havia sido “vendido”. Então, mais barulho de tiros era ouvido.

Famílias se desfaziam da noite para o dia. Pessoas sumiam, corpos não eram mais encontrados. No bang-bang dos primeiros tempos do Século XX, num Brasil que só então ia aos poucos deixando de ser quase apenas agrícola para começar a se industrializar, raros eram os que podiam comprar jornais, ler e se inteirar dos fatos de interesse nacional. “A gente não tinha leitura”, era o que mais se ouvia das pessoas. Nem mesmo as parcas notícias de violência no campo circulavam, senão por relatos. Cidadania, o que é isso?

O resultado de uma situação como essa era previsível. Assim como em tantas outras famílias, dos oito filhos que Jonas e Luzia cuidaram, somente uma, a mais velha do segundo casamento da mulher, terminou o curso superior. Os demais ficaram no ensino fundamental. Um dos filhos de Luzia acabaria morrendo num crime estúpido: trabalhava num hotel em Ouro Preto e, um belo dia, desligou o rádio do carro conversível do filho de um fazendeiro rico, porque o barulho era alto e fazia chorar seu filho pequeno, doente. Tomou um tiro no peito pela “invasão de domicílio”. E isso já vivendo em uma cidade. A lei da bala atravessava a fronteira rural e invadia a urbana.

Mas não se pode dizer que o velho Jonas tenha tido somente azares na vida. Nas idas e vindas de que se constituía o viver de então, deixou Minas Gerais, a Bahia e veio parar no Espírito Santo, mais precisamente em Vila Velha, junto dos seus filhos e mais os da mulher com o primeiro marido. No ano de 1954, foi trabalhar como padeiro em um estabelecimento da família Pignaton. Terminou, tempos depois, no funcionalismo público. Era necessária mão de obra, mesmo pouco ou nada qualificada, no Estado que se industrializava e os Pignaton o indicaram para a então Companhia Vale do Rio Doce. Epifânio, como era chamado pelos superiores e colegas de trabalho, se especializou em explosivos. Passou a trabalhar com isso.

Para quem já havia vivido tudo o que viveu, pegar dinamite todos os dias para explodir pedreiras ou abrir caminhos de estradas de ferro era mal menor. Bem menos perigoso que as jazidas de berilo, turmalina, topázio, citrino, ônix, cristal, rubi, safira, água-marinha, esmeralda ou outras pedras capazes de fazer com que hordas se movimentassem seguindo a miragem do dinheiro.

Enquanto esperava pelo almoço na casa da filha formada e do genro, ele viu na parede uma foto de Sebastião Salgado. “Aquilo é Serra Pelada?”, perguntou. Era. Foi aí que começou seu relato, agora resumido. Olhou para a foto do garimpo mais famoso do Brasil como se revirasse

o passado. Como se o revisitasse na memória. Como se o sentisse forte naquele momento. Sebastião Salgado, em sua genialidade, havia congelado um instante de pernas nuas, musculosas, tomadas por lama, subindo a escarpa lamacenta de um dos buracos de onde se tirava o sustento de milhares e a riqueza de poucos.

Ao final do relato, veio à mente do velho aos 80, um último registro do dia. Os compradores de pedras preciosas surgiam sempre nos garimpos, carregando almofadas ou travesseiros debaixo do braço. Pedras colocadas à mesa, eles abriam seus “alforjes” e tiravam de lá pilhas de dinheiro. Após classificado e contado o lote, o preço era calculado e o dinheiro, pago. Os compradores então saíam e iam embora com seus travesseiros e almofadas com o novo recheio. Desta vez, bem mais pesado.

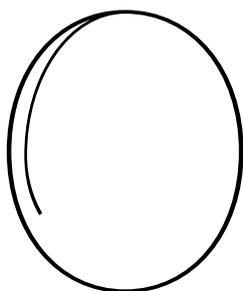
Oito décadas passadas, com tantas histórias para contar, o velho se orgulha de ter netas com curso superior, morando em uma casa repleta de livros em um cômodo chamado de escritório. A totalidade dos quais ele não leu nem lerá jamais. “Isso é muito importante”, diz ele. “Fico muito feliz”, completa orgulhoso enquanto almoça em família. Luzia, a companheira dos anos duros, mais idosa que ele, o velho já levou ao cemitério faz alguns anos.

Quando sai para casa, levado pela filha, fica a pergunta: quem teria sido esse homem se “tivesse leitura?” E todos os outros que, como ele, nasceram, viveram e morreram num país que jamais conheceram, numa sociedade nunca entendida e com uma cidadania jamais conhecida e exercida?

MARCOS TAVARES

CADEIRA 16

De Livros & De Leituras



“Eu lívrico”. Se se pode identificar alguém que crê os livros existirem para si e que ele próprio só exista para os livros, esse alguém sou eu. Leitor precoce, cedo percebi que livros propiciam viagens para dentro e para fora de si (de mim, no caso), trazem-nos conhecimento, tanto saciam quanto provocam curiosidade.

Qual num autêntico ministério de fé, em prol de livros e de leituras a causa abracei, mesmo porque nunca consegui fugir deles. E vice-versa.

Primeiro, como aluno de Artes Gráficas (Tipografia e Encadernação), na ETFES, quando havia lá o Ginásio Industrial. A seguir, como cobrador e vendedor de uma distribuidora de livros didáticos com filial no ES. E, nessa mesma fase, assíduo frequentador de bibliotecas (a Estadual, quando na parte alta da cidade de Vitória-ES; a do SESC, quando na Praça Misael Pena, nessa mesma cidade). Depois, já universitário, cumprindo estágio na antiga Biblioteca Central (UFES). A seguir, novamente estagiário, estive na Editoria da Fundação Ceciliano Abel de Almeida (idem).

Ainda, em programa estadual da SECULT-ES, nos idos 2006-2007, oficina literária ministrei em Dores do Rio Preto (ES) e em Guaçuí (ES). Eventualmente participo de programa municipal (o premiado “Viagem pela Literatura”, PMV), numa peregrinação em escolas de Vitória (ES). Em 2011, na Academia Espírito-santense de Letras (AEL), lugar de livros tantos, a cadeira nº 15 assumi, substituindo a um ex-dono de Tipografia (**José Hygino de Oliveira**, o popular “Taneco”).

Enfim, da vida em meio a livros (perdoem o fácil trocadilho) não me livro.

Paixão pelo prelo. Ao contrário da Argentina e do Japão, por exemplo, tem o Brasil a fama de ser um país de não-leitores. E “um país, segundo **Monteiro Lobato**, se faz com homens e livros”.

Pesquisa feita em 2007 (Pró-Livro) conclui que, dado o nível básico de alfabetização, 45% da população não é capaz de entender o que lê ou de estabelecer correlações e contextualizar as leituras.

Fenômeno do rock brasileiro, o irreverente cantor **Raul Seixas**, de família de habituais leitores, confidenciara: “Formado em Filosofia, vim para o Rio de Janeiro lançar um Tratado de Metafísica que fazia desde pequenininho. Eu cheguei e descobri que o Brasil não gostava muito de ler. Aí resolvi ser cantor de iê-iê-iê realista”. A partir daí, de sua parceria com Paulo Coelho saíram sucessos (“Ouro de Tolo”, “Eu Nasci há 10 Mil Anos Atrás” etc).

Para estimular a leitura, sancionou o Governo federal, em 2010, a Lei 12.244, obrigando a toda escola a ter, em 10 anos, pelo menos uma biblioteca.

Já em 1708, preocupado com que o livro impresso deixasse mais preguiçosos e menos inteligentes os alunos, nesse teor, na Universidade de Nápoles, profere vigoroso discurso **Giambattista Vico**, então afamado filósofo italiano.

Hoje, 304 anos depois, tal alvo de crítica assim contundente bem poderia ser a Internet. E o é. Basta ver e ouvir, nos jornais e telejornais, e mesmo ao vivo e em cores, o depoimento de uma maioria do professorado e até de pais de alunos.

Apesar da possibilidade de o livro, tal como o entendemos, ser substituído pelo seu formato eletrônico (o e-book), há quem o prefira na aparência tradicional. Sou um deles. Livro que é livro tem que ter uma textura, um corpo palpável. É um objeto de prazer: ame-o ou deixe-o. Melhor amá-lo.

Vidas de papel. Livros, há quem os ame mais do que a si próprio. Logo, adotando precaução de fazer testamento em favor desta ou daquela instituição bibliófila, antes que, em morrendo, se lhes ponham fora, literalmente “na rua”. Qual fossem aqueles uma extensão de sua prole, que lhes garantisse uma certa “imortalidade”.

“O maior inimigo das bibliotecas são as viúvas”, já diziam os antigos, pretensamente mais ajuizados.

“Sempre adorei o cheiro de um livro novo e sempre adorei o aspecto de um livro velho”, compartilha comigo a notável escritora **Bernadette Lyra** (“Jardim das Delícias”, “Parque das Felicidades” etc). E prossegue ela : “(...) falo daquele artefato de papel impresso que se pegava nas mãos e se acariciava com gosto”.

Intelectuais morrem de ciúmes, ou de inveja, ante o sucesso editorial de **Paulo Coelho**, desde que, em 1987, lançou ele o seu “Diário de Um Mago”. Sucessivas edições, dentro e fora do Brasil, garantem ao autor aquela sonhada vida unicamente dedicada às Letras.

O famoso Caminho de Santiago de Compostela (Espanha), refeito por ele, e suas anotações ao longo da via mística (700 Km desde o sul da França), abriram-lhe portais para tornar-se o autor brasileiro mais conhecido (muito além de **Jorge Amado** e de **Carlos Drummond de Andrade**). Se discutível a qualidade literária de sua obra o é, uma conclusão é inabalável: foi em seus livros que muita gente iniciou leitura.

Séries como “Harry Potter”, da autora britânica **J. K. Rowling**, largas estradas abriram para o mágico mundo da leitura. A partir dela, descobriu-se ser quase inexaurível esses filão: desde Sherazade (“As Mil e Uma Noites”), histórias seduzem a todos.

Iniciativas várias. Em 2005, moradores do Bairro Valparaíso (Serra-ES), em votação para Orçamento Participativo, elegeram como prioridade a construção de um espaço propício para instalação de uma biblioteca, parte integrante do Centro Cultural “Carlos Corrêa Loyola”. Já na inauguração da biblioteca homônima, logo se seguiu uma Semana Cultural repleta de eventos.

Mudaram os tempos e, hoje, qualquer cidadão tem acesso gratuito a uma biblioteca. Esta não é mais exclusividade de uma certa elite, como o era até a década de 60. Sucessivas edições do MEC difundiram obras para as classes pouco abastadas. Já faz 50 anos que o acesso à escolarização é garantido a todos.

Porém, ainda há quem se sinta tímido, mesmo diante da necessidade de procurar uma biblioteca. Ex-Coordenadora da Biblioteca Pública de Vitória (ES), **Eugênia Broseguini** avalia que “a leitura, no Brasil, perde para as culturas de baixa qualidade; sobretudo, para o que de ruim há na TV”. Acredita ela que, benignamente, a própria TV poderia estar aliada no propósito da leitura.

Atualmente, cresce no país a figura do **mediador de leitura**, que é o agente a prestar serviço como ponte conectora entre o texto e o público. Maior sucesso, nesse sentido, tem sido experimentado no Ceará.

Coordenadora do premiado Projeto “Viagem pela Literatura”, Elizete Caser declara ter um grupo fixo de “contadores de histórias”. Também promove o Encontro com o Escritor. Deste, participam autores locais, sempre com sucesso.

Assessor cultural da Biblioteca Pública do ES, **Sérgio Blank** garante que, para minimizar tal inibição, adota-se na BPES uma política cultural acessível, com lançamento de livros, rodas de leitura, contação de histórias, encontro com escritores, ações contínuas e disponíveis aos usuários, além de vários outros atrativos.”

O Projeto Biblioteca Transcol, uma espécie de biblioteca móvel, com unidades distribuídas pelos oito Terminais de ônibus da Grande Vitória, possui acervo de 14 mil livros, e conta com mais de 30 mil associados. Em 4 anos e meio de atividade, já efetuou, até o momento, mais de 255 mil empréstimos.

Deleite da leitura. Já é consensual: são grandes leitores os candidatos aprovados nos concursos públicos para cargos de maior remuneração (Juiz, Promotor, Auditor Fiscal, Delegado, Policial Federal, Policial Rodoviário, p.ex).

Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) goza da reputação de ser muito exigente no exame para avaliação de candidatos à obtenção do status dessa categoria profissional. Fazem os concorrentes uma prova prático-profissional, em que terão de redigir uma peça processual e responder a questões sob a forma de situações-problema.

E todo bom redator o é, antes, um leitor perspicaz. “O uso da leitura estimula o cérebro”, afirma o neurocirurgião **Walter Fagundes**. Semelhante diagnóstico dado pelo neurologista **Airton Gomes da Fonseca Filho**: “O contato direto com livros e cadernos é muito válido para estimular o cérebro.”

Curso dos mais disputados – o de Medicina –, nele, os primeiros aprovados (ou todos eles) são, via de regra, estudantes supertreinados em leituras. “Medicina e Literatura valorizam a palavra; no primeiro caso, como instrumento de diagnóstico e de terapia; no segundo, como

forma de criação estética”, atestara o hoje saudoso escritor e médico sanitário, o gaúcho **Moa-cyr Scliar** (Prêmio Jaboti, 2007).

Fundador da Microsoft, **Bill Gates** é um dos que tem incentivado seus funcionários às leituras ditas literárias, ou seja, além daquelas relacionadas à área profissional. Para organizar uma listagem de obras, chegou ele a contratar **Harold Bloom**, renomado crítico e Professor de Literatura (Harvard, EUA). Seu exemplo de cultivo de uma boa cultura geral, humanística, é, segundo entendedores, “essencial”, nesses tempos de globalização.

Aluna da EMEF “Aristóbulo Barbosa Leão”, a jovem **Caroline Pinna de Oliveira**, 14 anos, recebeu os louros da glória por ter elaborado a melhor redação, em concurso promovido pela Marinha do Brasil. Sagrou-se vencedora dentre os 9 (nove) Distritos navais brasileiros envolvidos na disputa. “Eu me orgulho de ser ‘rata de biblioteca’. Leio de tudo. Leio todos os autores. Leio, pelo menos, um livro por semana”, revela, emocionada. Um bem possante notebook valeu-lhe como prêmio. Prêmio ainda maior, segundo ela, foi a calorosa receptividade que teve em sua escola situada em Bento Ferreira (Vitória-ES).

Leitura do mundo. Professores de cursinhos pré-vestibulares são quase unânimes em afirmar que, para haver sucesso no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), necessário é, para o aluno, que esteja elaborando uma boa “leitura do mundo”. Uma boa peça de teatro, uma música, uma escultura, um quadro a óleo, propiciariam, assim, essa eficaz “leitura do mundo”. Tanto quanto o faria um livro.

Doutora em Educação (USP) e Professora de Língua Portuguesa, **Cleonara Schwartz** esclarece que “pessoas são leitoras muito antes de aprenderem a ler na escola, uma vez que interagem com o mundo”. Caberia, portanto, treiná-las a “ler” esse mesmo mundo: “O meio mais produtivo é o olhar reflexivo e analítico de tudo o que acontece ao nosso redor.” E arremata: “A bagagem cultural vem com a leitura, mas não somente com a que está no papel.”

Literatura, dura lida. Colunista fixo do jornal A TRIBUNA, veterano no jornalismo capixaba, **Pedro Maia** opina: “É só por meio dos livros que as pessoas podem desenvolver o conhecimento necessário para o exercício pleno da cidadania e exercê-la de maneira politicamente correta.” E festeja ele os frequentes lançamentos de obras de autores do Espírito Santo, em contraste com a exiguidade editorial de outras épocas: “Nunca se leu tanto na capital capixaba”. Atribui a isso o advento do sistema de impressão *off set*, a partir da década de 80, o que impulsionara as artes gráficas.

No entanto, conforme **Francisco Aurelio Ribeiro**, renomado escritor e professor universitário, “agora os livros estão circulando, na expectativa de que sejam lidos”. E, em tom de indignação, indaga ele: “Pois de que adianta escrever e publicar livros, se eles não chegarem ao seu destinatário?”.

Objetivando a que livro de autor capixaba atinja o mercado nacional, **Jeanne Bilich**, jornalista e escritora, opina que “uma distribuidora no Estado ajudaria na distribuição”. **José Roberto Santos Neves**, jornalista e escritor, corrobora a opinião da colega: “Só com circulação nacional seremos conhecidos”. Denny Gomes, professora universitária e escritora, soma voz ao coro: “Os bons talentos não têm como chegar ao restante do país”.

Revela **Anaximandro Amorim** (“Diário de Um Sobrevivente”), 34 anos, o mais jovem membro da Academia Espírito-santense de Letras (AEL), que, em sua época de estudante, preparando-se para o Vestibular, foi graças à inclusão de escritores locais, no exame da UFES (1996), é que pôde conhecer a obra de **Pedro Nunes** (“Vilarejo”) e **Neida Lúcia Moraes** (“O Mofo no Pão”).

A magia das palavras. Ainda no formato papel, nem tudo está perdido, iniciativas há que fogem à realidade, por parecerem mais uma ficção engendrada por escritores e suas mentes voadoras. Assim é o caso do “flanelinha”(guardador de vaga para automóveis), da mãe “condenada a ler” e do eletricitista fomentador de biblioteca comunitária.

De uma infância com poucos recursos para estudar e ter acesso a livros, **Guido de Morais Evangelista**, 53 anos, eletricitista aposentado, montou no seu bairro uma biblioteca com mais de 2.000 livros para crianças e para adultos. Hoje, morador no Bairro Piranema (Caricacia-ES), fez estudos até a 7ª série do Ensino Fundamental. Com iniciativa própria, fundou a ADESP (Agência de Desenvolvimento Social de Piranema) a fim de, com trabalho sempre voluntário, dar suporte ao seu trabalho filantrópico, que inclui distribuição de alimentos para mais de 150 famílias cadastradas.

Assim, saciador de fomes (de saber e de comida), Guido Morais, espera recursos para ampliar o espaço, que é alugado e mantido por doações. Atualmente, são quase 300 crianças cadastradas na biblioteca, onde podem pegar as obras e levá-las para casa. “Sempre gostei de livros, mas sempre os emprestei para quem queria ler ou fazer algum tipo de pesquisa”. E conclui ele: “A leitura é fundamental para a formação da criança.”

Olhos fixos nas páginas de livro, enquanto aguarda cliente que queira sair ou entrar em vaga de automóvel, assim é **Lindomar Francisco de Lima**, 37 anos. Sentado em seu indefectível banquinho plástico de cor verde, justo por ser um voraz leitor, destoa ele de uma maioria de seus colegas de ofício. Senta praça, já há uns 20 anos, ali na mui movimentada Rua José Teixeira, na Praia do Canto (Vitória-ES). Lê tudo que lhe cai às mãos, sobretudo os jornais (novos ou velhos), quase sempre doação de clientes e de moradores simpatizantes da causa livresca. Morador no Bairro Resistência (Vitória-ES), tem por meta organizar uma biblioteca no local onde reside (“Já tenho 20 livros na estante”).

Já íntimo de **Machado de Assis** e de **Sidney Sheldon**, o “flanelinha” Lindomar de Lima observa a mudança de rotina em relação à época em que ali começou a guardar vaga: “As pessoas estão mais apressadas; não respeitam ninguém”. Nenhum outro assim leitor na família, com 2 salários mínimos por mês é que garante sobrevivência aos seus (esposa e filhos de 5, 10, 14 e 15 anos). Almeja um sonho realizar: que esposa e ele (que quer estudar História) cursem alguma faculdade. Lindomar está certo de que “a leitura nos ajuda a melhor entender o ser humano”.

A pena da pena. Acusada de abandono intelectual de filho menor (13 anos) que com excesso de faltas na escola primária, **Maria Aparecida Conceição Santos**, 33 anos, mãe de 7 filhos, recebeu, a título de sentença, a seguinte determinação: que passasse a frequentar Escola, alfabetizando-se, com vistas a, com seu exemplo, ser minimizada a evasão escolar no Município.

Antes analfabeta, impossibilitada de ler sequer placas de ônibus, agora até colabora no dever de casa do filho antes faltoso. Hoje moradora no Bairro Jardim Tropical (Serra-ES), Apa-

recida é natural de zona rural da Bahia, onde somente cursara a 1ª série. Casou-se bem jovem com **Domingos Braz**, 57 anos, gari, que muito a tem incentivado a estudar à noite, momento em que ele, também por decisão judicial, cuidará das crianças. Hoje, pensa Maria Aparecida arranjar emprego cuja remuneração melhore as condições da família.

Quanto à decisão da Juíza **Hermínia Maria Silveira Azoury**, muito agradece a “condenada”: já está muito feliz só de poder ajudar os menores seus a fazerem as tarefas escolares (“Para mim é muita coisa. Eles também estão felizes, porque eu posso ajudar nas contas”).

Pura química. “Não morrerão os livros, a literatura e os leitores. Eles é que se transformarão”, com bastante autoridade no assunto, assim escreveu o estudioso Francisco Aurelio Ribeiro (in: **Ensaio de Leitura e Literatura Infantojuvenil**, Ed. Formar, 2010). Comparação científica toda amparada na Lei química, acerca da conservação da matéria, conforme constatada por **Antoine Lavoisier** (França, 1743-1794).

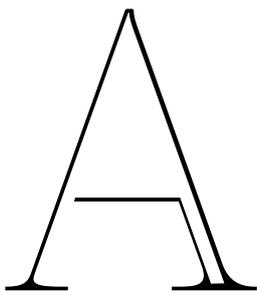
E o infatigável pesquisador de Literatura, na citada obra nos fornece convincente explicação: “(...) a Literatura, para sobreviver nos tempos atuais, está vinculando-se a novos suportes, além do papel”. E aponta esses suportes: o audiolivro, o livro eletrônico (e-book), ipad, iphone, kindles, twitters, e outras vindouras tecnologias.

Ainda não seria o Apocalipse das Letras. Quem sobreviver que leia. No fim haverá, tal no início, o Verbo (ou o verbo).

ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA

CADEIRA 27

Como o sol de verão entrando no mar



As teorias de recepção se fundamentam em um pressuposto de que as obras são objeto de algum tipo de acolhimento e o mais usual deles é a leitura. Mas o autor do texto não sabe quem o lerá, quem compartilhará de suas experiências, de suas insatisfações ideológicas, de seus prazeres e de suas epifanias.

A cada momento, multiplicam-se as exigências pela prática de escrita e de leitura. Esta não só se faz nos livros, mas também em folhas de documentos, em comunicações escritas, particulares ou públicas, com teor político ou amoroso, de formas amistosas ou questionadoras, com qualquer objetivo de comunicação (avisos, proibições, notícias, nomes de ruas, de praças e de avenidas, sinais de trânsito, etc.) quer estejam em placas, em papel, na tela ou nos meios eletrônicos.

O nosso poeta condoreiro, Castro Álvares, em seu canto à América, valoriza o livro — “esse audaz guerreiro/ que conquista o mundo inteiro” em seu papel de fazer o povo pensar. Disse ele que “caindo n’alma” é como o germe “que faz a palma”, “é chuva que faz o mar”.

Mas se por um lado, ler é imprescindível para estar-se no mundo, para tê-lo em seu poder; por outro, escrever é necessário como meio de comunicação, como necessidade de um desabafo de sentimentos, como alívio para a angústia, como premissa de se comunicar com o outro, como guardião da memória de um povo ou, em situações práticas, como eficácia para alcançar melhores condições econômicas e um acesso social. E o escritor é bendito pelo poeta Castro Alves, porque “Éolo de pensamentos” fecunda o povo. E o ato de escrever é ainda um gerador de polêmicas: contra, sobre, a favor de algo, quer aludindo a fatos ou citando-os. Porém, só o bom texto persuade o leitor e lhe provoca sensações. A leitura aproxima quem lê de quem escreve, ela é instigadora, se não o for, troque-a, pois não está exercendo a sua função.

Escrever foi um desejo milenar do homem. Seja no seu desejo de perpetuar seus anseios, mitos e medo, quando ele traçou - e faz mais de 17 milênios – desenhos de figuras em cavernas.

Escrever foi uma iniciativa de povos que se destacaram no desenvolvimento da escritura, como os babilônicos e os egípcios. Os primeiros criaram a escrita cuneiforme, assim denominada por consistir de pequenas cunhas, feitas, especialmente, em pedras, criada há um 3.500 anos a. C. Os segundos: usavam pequenas figuras para representar objetos e ideias, os hieróglifos. Escrever era uma arte, e tanto a sua produção quanto a sua decifração só eram conhecidas pelos sacerdotes, pelos membros da realeza, pelos cidadãos de altos cargos e pelos escribas. Os hieróglifos, figuras, desenhos e sinais fonéticos permitiram a formação de sílabas, contribuíram para a passagem do sistema fonético para sua notação escrita.

A fabricação de um livro, na Idade Média, era um processo longo e laborioso. Contudo, no meado do século XV, houve uma mudança na sua confecção. E isso ocorre com a marca de dois acontecimentos europeus: a chegada ao Novo Mundo, por Colombo, e a invenção da imprensa, por Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg. E o nosso poeta romântico canta esse fato: “Por uma fatalidade/ Dessas que descem de além/ O século que viu Colombo/ Viu Gutenberg também/ Quando no tosco estaleiro/ Da Alemanha o velho obreiro/ A ave da imprensa gerou.../ O Genovês salta os mares.../ Busca um ninho entre os palmares/ E a pátria da imprensa achou...” Assim, uma radical mudança aconteceu na metade do século XV: o alargamento do horizonte e o aumento na produção de livros. Não só por uma maior publicação, logo maior acesso ao público, menor preço, como pela redução das horas de trabalho na elaboração.

A atividade de quem escreve é uma forma de dialogar com suas próprias ideias. Segundo Barthes, em *O prazer de ler*, quando se escreve, há um momento de prazer “para perder a sua consciência no limitado da significância”. Para Azorín, em *Un pueblecito*, o ato de escrever é inato. Assim como qualquer tendência do homem, ou se é poeta ou não se é poeta, ou se é um prosista ou um pintor, ou não o é. Somos ou não somos independentes de nossa vontade. Para ele, o escritor trabalha sobre textos vivos. Tem amor à palavra limpa, concreta, pura e precisa, que brilha como uma moeda de ouro ferida pela luz. Azorin prioriza a clareza do texto e diz que “é melhor ser censurado por um gramático que não ser entendido”. E ser claro é pensar claramente. Ele recomenda a simplicidade de estilo, mas esclarece que o encanto do estilo é a variedade. Esses são conselhos para produzir um texto. Porém, para escrever, é preciso ler e é necessário saber estar no mundo e conhecê-lo, porque somos feitos do que lemos. Ler, segundo Miguel de Unamuno, é reconstruir os sonhos dos outros e distrair-se, é repetir a leitura, como se o tempo fosse uma invenção da leitura: “Ler, ler, ler, viver a vida/ que outros sonharam./ Ler, ler, ler, a alma esquece as coisas que passaram”, pois um livro é sempre outro quando o relemos, porque na leitura damos sentido ao texto. É preciso observar o que se lê e ter o olhar para o mundo a nossa volta, como disse o chileno, o criacionista Vicente Huidobro, “a arte da criação da obra literária está em olhar o mundo circundante e recriá-lo com palavras, num bom estilo e com sentimento”. E Clarice Lispector também nos dá a explicação do que é escrever e ler, ou renovar-se: “Cada livro é uma estreia penosa e feliz. Essa capacidade de me renovar toda à medida que o tempo passa é o que chamo de viver e escrever”.

Jorge Luis Borges, em Pierre Menard autor do Quixote, *In Ficções*, escreve sobre a arte de engendrar um texto e a influência das leituras no processo criador de uma obra ficcional:

Pensar, analisar, inventar não são atos anômalos, são a respiração normal da inteligência. Glorificar o ocasional cumprimento dessa função, entesourar antigos e alheios pensamentos, recordar com incrédulo estupor que o *doctor univesalis* pensou, é confessar nossa languidez ou nossa barbárie. [...]

[...] uma técnica nova, a arte retardada e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas. [...] Essa técnica povoa de aventura os mais plácidos livros [...]

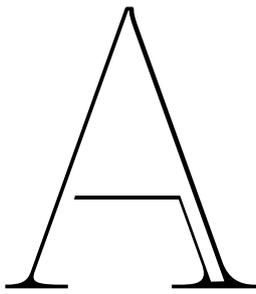
Alberto Manguel, em *Una Historia de la Lectura* (Buenos Aires: Emecé, p.256), aponta a afinidade física que tem a leitura com quem está praticando esse ato. Lembra-nos que ler é um ato que estabelece uma relação com o leitor íntima e física, em que participam todos os sentidos: os olhos, que extraem as palavras; os ouvidos que fazem eco dos sons lidos; o nariz que aspira o aroma familiar do papel, do pergaminho, da tinta; do papelão, do couro; o tato que acaricia a aspereza ou suavidade da página, a flexibilidade ou a dureza da encadernação; inclusive o paladar (o gosto) em ocasiões, quando o leitor coloca o dedo na língua.

Um texto é linguagem. A leitura é uma forma de projeção do livro e produção do prazer, como disse Roland Barthes, acima citado, para quem a produção do melhor prazer ocorre quando o texto consegue fazer-se ouvir indiretamente; quando, ao lê-lo, somos levados a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa. Mas o texto nos cativa, não necessariamente durante o tempo todo. Pode ser num ato tênue, rápido, quase irrefletido, num momento de um movimento brusco de cabeça, “como o de um pássaro que não ouve o que nós escutamos, que escuta o que nós ouvimos”. Mas será um momento mágico de penetração, prazer e sonho, belo e profundo como sol de verão entrando no mar.

WANDA MARIA ALCKMIN

CADEIRA 30

Minha Leitura Contemporânea sobre a Exposição Fotográfica da Artista Simone Guimarães



arte faz parte da estrutura primeira do ser humano. Desde o tempo das cavernas, o homem tenta expressar-se. Na sua arte rupestre, ele já intuía essa ação, esse movimento, e assim ele dava ao objeto escolhido toda a sua expressão.

Aqueles que defendem a arte meramente para liberar a emoção, devem lembrar-se de que podem aprender muito pouco sobre as sensações, caso não sejam capazes de refletir sobre elas. Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como “um grito da alma”, não está então, oferecendo uma educação num sentido cognitivo, nem num sentido emocional. A arte cria novos caminhos e possibilidades. Todo o conhecimento vem munido de teorias e toda a teoria vem carregada de ideias. Essas ideias vêm e vão, isto é, vêm e mudam de acordo com a cultura de cada lugar e de cada época.

A minha leitura como apreciadora de exposições artísticas fez com que o meu olhar de observadora escolhesse o trabalho fotográfico da capixaba, Simone Guimarães, exposto na Galeria de Arte da UFES, primeiramente em 2005, mas que, agora, em 2012, se torna viva e presente no instante da minha escrita. Sua arte correspondia a cento e vinte e seis fotos coloridas de rostos em vários closes, em diferentes expressões de “gritos”. Talvez até pudéssemos dizer: “fotos de seres humanos em estado de grito”. Um grito sem Munch!



Mas que continua ainda atravessado em nossas gargantas através de gerações. Um grito que ultrapassou o tempo e a história. Os artistas de vanguarda, em suas diferentes correntes, dão o seu grito e mudam o já conhecido, derrubando paradigmas e fazendo surgir um conceito novo de arte. Edvard Munch, 1863 - pintor norueguês, um dos precursores do expressionismo alemão, na sua pintura famosa, “O Grito”, retrata uma figura “andrógina” ou “humana retorcida” no momento de sua maior e profunda angústia, em desespero existencial. Será que está tão distante essa angústia de nós, do séc. XXI?

Na história do nosso Brasil, há poucos séculos atrás, D. Pedro I deu o seu grito de Independência, e o nosso país se tornou livre de Portugal. Mas, em muitas situações, ainda hoje continuamos presos, “dependentes” de um sistema que nos faz calar muitas vezes. E assim, a nossa indignação cresce a cada revelação, e com isso, nosso povo vai sobrevivendo com poucos gritos, sem gestos e ações devidas.

A artista Simone, na sua exposição, no seu *outdoor*, tentou colocar para fora, com as suas fotos reveladas, o nosso subconsciente; o nosso grito interno e a nossa expressão viva. Muitos dos personagens escolhidos por ela se perceberam suas próprias cobaias, pois ali no trabalho de campo tiveram suas vivências, suas “catarses” captadas pela lente da artista. Com isso, conseguiram no seu particular movimento facial reconhecer seus diferentes estágios de gritos.

Na revelação, isto é, na exposição da arte de Simone, pode-se escutar os gritos, nos “clicks” da artista, e na união deles ela conseguiu o grito universal. No momento em que ela tirou do foco algumas imagens de rostos em expressões de grito, e as revelou distorcidas, Simone tenta resgatar Munch e faz nessa hora a ponte com todos os nossos antigos gritos, conseguindo ir até aos nossos ancestrais. Ela com sua arte trouxe para nós, a história das cavernas quando eles ainda viviam em grupos...

Em 2005, eu mesma escrevi sobre a exposição da artista, e hoje novamente estou numa segunda leitura captada pela lente dela. No intuito de me aprofundar mais sobre o comportamento coletivo, percebi que vivemos numa sociedade onde há poucos gritos, unidos a milhares de expressões de espanto diante da vida que nos é revelada ainda em preto e branco.

A arte, um dia, já registrou intenções, intuições e ideias. Ela já se preocupou com a perspectiva e já impressionou a muitos. Surpreendeu a outros tantos, retratando a natureza em cones e cilindros. Já abusou dos movimentos e, em outra época, negou toda a ideologia do passado. Já supervalorizou o real e agora na modernidade, como ela se expressa?

Com muitas intervenções, nos conectando a tudo e a todos em um mesmo instante, nos levando em tempos diferentes e a lugares diversos, mesmo estando parados no aqui agora, no presente.

A nossa sociedade olha muito para o futuro, e se vai ao passado, muitas vezes o faz apenas para registro, sem se preocupar em perceber o ocorrido. Precisamos voltar às nossas origens, reconhecer a nossa natureza, reaprender a andar pelas matas, adentrar em rios, subir e descer montes, deitar na terra, reconhecer as diferentes estações, enxergar o sol e a lua, perceber o semelhante e, quem sabe, assim nos conectaríamos melhor com tudo.

A internet está aí, virtualmente, aproximando mundos, mas, por outro lado, afastando os indivíduos. Tudo está em constante transformação à nossa volta, e no nosso mundo, valores e paradigmas são substituídos. A reflexão se faz necessária nessa nova leitura do mundo.

A artista Simone, através de suas lentes, nos faz ver o quanto ainda estamos impassíveis diante da nossa realidade. Nós não somos telas de computador, ou de tecido, de papel, de plástico ou qualquer outro tipo de material que só recebe. Somos um corpo, uma mente e um espírito se expressando em um tempo que só poderá fazer uma boa história, se houver mais reflexão, mais conhecimento e mais atitude diante da vida.

ÍTALO FRANCISCO CAMPOS

CADEIRA 31

A Revanche

P

arece que foi ontem... de tão fresquinho e insistente que continuava na sua memória. Começou de forma discreta, hora ou outra, em especial na hora de dormir. Nesta calma noite, as vozes que ouvia, gritavam. Mas faz muitos anos, algumas dezenas de anos, que essas vozes e imagens se multiplicaram na sua cabeça, insistentes e incessantes.

Depois vi um monstro que subia do mar. Ele tinha dez chifres e sete cabeças, uma coroa em cada um dos chifres e nomes, que eram blasfêmias, escritos nas cabeças. O monstro que vi parecia um leopardo, os seus pés eram como de um urso, e a sua boca era como a de um leão.

Convivia com as vozes com sofreguidão e algum sofrimento. Começaram com pequenas frases, frases curtas e, um tempo depois, já formavam uma pequena história: *Num país muito distante, lá nos confins dos mares, havia outrora um rei que tinha um filho e uma filha extremamente formosos. Chamavam a ele Hildebrando o audaz e a ela Rosamunda a loura, porque seus cabelos eram louros. Era difícil identificar, com muita clareza, porque se misturavam, eram vozes agudas, graves, balbuciantes, grossas, desafinadas, insinuantes. Vozes que não **calavam**. Certa feita uns personagens chamavam por outros, provavelmente por apelidos, em uma gritaria sem fim: *Narizinho, Senhora Santana, Pedrinho, demônio...* Ao mesmo tempo que aconteciam estranhas sonoplastias de canto de animais, pássaros, roncões não conhecidos. Tudo isso foi mudando gradativamente.*

Na adolescência, as vozes se apresentavam em longos discursos, frases filosóficas, palavras-de-order ou longas divagações. *Não afogarão a verdade num mar de sangue...Levanta-te, povo trabalhador! A pé, gente com fome e dor!* Cresceu assim atormentado por multivozes entrelaçadas, suplicantes de atenção e cuidados, que se impunham e reverberavam no seu pequeno quarto da república de rapazes. *Na velha Naishápúr, na Nínive remota,/ Seja*

doce ou amargo que a taça ressuma,/ O vinho da Existência escorre gota a gota,/ As folhas da Existência ah! Tombam uma a uma. A voz cantava repetida vezes, em sotaque oriental. Nenhum preparado químico pode fazer os homens amarem-se uns aos outros. O amor não é um produto do pensamento; também não é cultivável, como a flor que cultivamos em nosso jardim. O amor não pode ser comprado numa drogaria, e o amor é a única coisa que poderá salvar o homem - e não os artifícios das religiões, nem seus ritos, nem todos os exércitos do mundo. Podemos fugir, assistindo a concertos, visitando museus, entregando-nos a divertimentos de toda ordem - *debalde!* - porque o homem se acha hoje em dia em presença de um tremendo problema: se tem a possibilidade de transformar-se radicalmente, de efetuar uma total mutação de sua consciência, não amanhã, nem daqui a alguns anos, mas agora! Eis o problema principal: se o homem, em qualquer país que viva, com todas as suas belezas naturais, é capaz de operar uma mutação radical em seu interior, imediatamente. E não podeis resolvê-lo com vossas crenças, vossas ideologias, vossos deuses, salvadores, sacerdotes e rituais. Essas coisas já não têm o menor significado. — Não é inteiramente correto dizer que todas as vozes o perturbavam sempre. **Não** era assim. **Algumas** vezes, em determinadas épocas, as vozes o acalmavam, o distraíam de alguma situação difícil ou complicada da realidade. Quem o visse assim, não respondendo aos chamados de algum amigo ou parente à sua volta, julgava que ele estava “em outro mundo”. Tinha certa razão nesta assertiva: **ele** estava povoado pelas vozes inauditas que o acompanhavam. **Estas o absorviam** em tão alto grau e intensidade que ele ficava em outra órbita, fora da realidade comum. Certo dia, em uma roda de amigos que conversavam sobre as origens de suas famílias, a rede de gerações, ele se pegou surpreso ao ser invadidos por vozes que lhe impunham vários nomes como *Aureliano Buendia*; *José Arcádio Buendia*; *Melquíades*; *Úrsula*; *Rebeca*; *Remédios*; *Pilar Ternera*... até que ele mesmo já não sabia mais qual era mesmo o nome de sua família. Ficara em dúvidas. Quantas palavras, quantos nomes ele ouvia? Eram milhares, milhões? Estavam ali como uma cachoeira transbordante e, mesmo assim, **ele** sentia que em alguns momentos a palavra lhe faltava: **ela** não existia? Não era a palavra certa? *Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes. Assim em cada lago a lua toda brilha, porque alta vive.* As frases se impunham e o absorviam por alguns minutos ou horas. Poucas vezes ele pronunciava esses **quase** segredos. A lua toda brilha, porque alta vive, balbuciou enquanto pagava a moça do caixa na padaria. Ela o tratava com um carinho fraternal e a frase ela a tomou como um elogio e uma retribuição à atenção que ela sempre **lhe** dispensara.

Numa dada ocasião, passeando por Buenos Aires, caminhando por entre o burburinho da praça de Santelmo, absorto e admirado com os quadros, as telas raras, objetos e peças antigas, roupas, broches, luminárias e tantos outros objetos representativos de uma burguesia, de uma elegância e de uma Argentina que já não existe mais, **foi** quando lhe ocorreu:

Velhice este é o nome que os outros dão-lo

puede ser el tiempo de nuestra dicha. pode ser o momento de nossa felicidade.

El animal ha muerto o casi ha muerto. O animal está morto ou quase morto.

Quedan el hombre y su alma. O homem e sua alma.

Vivo entre formas luminosas y vagas Eu vivo entre as formas leve e vaga

*que no son aún la tiniebla. que ainda não estão na escuridão.
Buenos Aires, Buenos Aires,
que antes se desgarraba en arrabales já arrancou em favelas
hacia la llanura incesante, para a planície sem fim,
ha vuelto a ser la Recoleta, el Retiro, passou a ser La Recoleta, Retiro,
As indefinidas ruas do Once e as precárias casa velhas/ que ainda chamamos o Sul..
las borrosas calles del Once y las precarias casas viejas*

Sentiu de imediato uma certa paz, uma tranquilidade, **que** lhe seria muito incomum nesta ocasião. De repente era como ele estivesse na varanda de sua casa ou estivesse pelas ruas de sua cidade, caminhando por ali numa tarde de sol. A tarde de Santelmo, **com** músicos e palhaços, estátuas vivas **e** realejos, **virou** a sua cidade natal. Esse, era o lado positivo da Torre-de-Babel em sua cabeça: em lugares tão estranhos, **como na Alemanha, poder ele ouvir**

*Como é que a solidão hei-de ir medindo?
desse-me os golpes de uso in da esta dor
um a um sua nudez a sobrepor
que o ritmo sem nome a foi vestindo
mas soffro agora o tempo nu saindo
numa levada sem nenhum teor
gasto caudal do meu rio interior
nem chora o peito por mais gritos vindo.
Há em toda a beleza uma amargura
secreta e confundida que é latente
ambígua indecifrável duplamente
oculta a si e a quem a olhar obscura.*

A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. Agora só nos resta esperar que o outro dos dois ‘Poderes Celestes’ o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?

Caminhou tão livremente pelas largas avenidas de Berlim admirando sua reconstrução **e, ao mesmo tempo**, as **bem visíveis** marcas de sua devastação, de sua memória e de sua atualidade. Destruição e recuperação, lado a lado. Thanatos e Eros.

Mas ele não viajava todo o dia. Em casa, as vozes adquiridas se confundiam com sua própria voz e com as de sua família. **Essas** eram distinguidas apenas por um certo sotaque familiar

e por diferentes tonalidades. A do pai, em tom baixo, por obrigação de ofício, um breve barítono. **A** da mãe em tom grave, bravio, não estridente, ameaçador e repetitivo. Soprano. Irmãos e parentes emitiam agudos **que**, muitas vezes, o incomodavam. Nessas ocasiões, ele **tampava**, com as mãos, os ouvidos. Esse gesto era tomado como uma de suas esquisitices. As vozes eram distinguidas também pela sua clareza e registro. As vozes da família eram permanentes, e o perturbavam muito. Não cessavam, mas eram **diferentes; divergência** que ele não conseguia explicar, nem para si mesmo, que diferença era essa.

Intrigavam-**lhe** a multiplicidade de idiomas, a variedades de assuntos, as diferentes angústias, vozes femininas, masculinas, infantis, desafinadas, não identificadas, que lhe invadiam.

Alguns nomes o perturbavam tanto que resolveu **externá-los, verbalizando-os** em voz baixa, para mais controle **ter** sobre a insistência deles na cabeça. Começou por secretamente trocar o nome de amigos ou parentes. **Ao** sobrinho, que se chamava Bruno, passou a chamá-lo, mas somente para ele, silenciosamente, de Marx; **a** prima, amiga de infância, era identificada silenciosamente por Maria, e ela se chamava Mariluce. A lista era enorme e esse verdadeiro ritual muito o ajudou a diminuir a insônia.

Bem tardiamente descobriu que podia partilhar as vozes com algumas poucas pessoas. Pessoas essas que frequentavam os mesmos ambientes, teatro, cinema e boteco. “*Por que, diabo, me preocupo eu desta maneira e sofro todas estas inquietações por causa de uma bagatela?*”, pensou, sorrindo estranhamente. *Hum! Sim, é isso, está tudo ao alcance do homem e tudo lhe vem parar às mãos, simplesmente, o medo... Isto é um axioma... É curioso: de que será que as pessoas têm mais medo? O que mais temem é o primeiro caso, a primeira palavra... Mas parece-me que já estou falando demais. Afinal, não faço mais nada senão falar. Embora também se pudesse dizer que, se falo, é porque não faço nada. A verdade é que durante este último mês deu-me a mania de falar, enquanto me deixo ficar estendido ruminando no meu canto... sobre ninharias. Bem, e afinal, aonde vou eu? Serei capaz disso? Será isso uma coisa séria? Não, de maneira alguma. Divirto-me, mas é à custa da minha imaginação, é uma brincadeira! É isso mesmo, uma brincadeira! Muitas vezes os personagens brincavam na sua cabeça, adquiriam uma vida independente. Esses personagens algumas vezes queriam dominar o seu ser que resistia com uma estranha força que **separava** sua própria personalidade desses personagens, na maioria não acabados, que ele carregava. – *Quando Gregor Samsa despertou, certa manhã, de um sonho agitado viu que se transformara, durante o sono, numa espécie monstruosa de insecto. As vozes, nestas ocasiões, calavam momentaneamente como se tivessem dando uma trégua ou espaços para que outras se manifestassem. Elas, na verdade não brigavam entre si, **mas** alternavam-se com certa regularidade muitas vezes influenciado pelo ambiente externo no sentido lato senso e no sentido do seu pensamento, distinguido como próprio. Às vezes, pensou que essas vozes poderiam se transformar em seus pensamentos, e **o** seria legítimo, pois faziam parte de seu íntimo e intransferível **pensar**...**

De certa feita, **extremamente** cansado, **tanto** de procurar um certo endereço onde teria marcado uma consulta médica **quanto** das vozes que se aguçavam na sua cabeça, resolveu **estacionar** a esmo, na primeira sombra **encontrada**. Um oásis, pensou. A tarde estava ensolarada e abafada. Tinha mesmo perdido seu tempo até agora. Descansava ainda no carro que per-

manecia ligado para ter o ar condicionado funcionando, **eis que** percebe onde estava: bem em frente a uma Biblioteca Pública. Precipitou-lhe uma grande vontade de conhecer aquele espaço. Certamente, iria encontrar um ambiente calmo e ameno em contraponto ao infernal trânsito que tinha enfrentado. Não esperou terminar seu pensamento, desligou o carro e caminhou decidido para a biblioteca. Ao **adentrar**, invadiu-o um ar fresco e ele sentiu algo **de** que não se lembrava quando tinha sentido igual, um misto de alívio e satisfação **inexplicáveis**.

Acercou-se da recepção e foi orientado a se dirigir ao maior espaço daquela casa. **Esta, se era** calorosa na recepção, **concomitantemente** tinha pairada em sua **atmosfera** uma quietude. Seu sentimento de satisfação era enorme, acertara em cheio ao decidir por entrar neste ambiente. Caminhou em direção às estantes que expunham livros dos mais variados assuntos, **de diversos** autores, **de** estilos **vários** e **de** épocas **distintas**. No amplo espaço, algumas pessoas ocupavam as mesas, algumas com uma pilha de livros, e pareciam estar pesquisando alguns assuntos. Outros liam apenas um livro. Jovens estudantes, uniformizados, com livros e revistas à sua frente, **conversavam baixinho**. Ele se dirigiu às estantes mais próximas, não tinha nenhum autor ou título pré-determinado. Olhou aquelas estantes por alguns minutos, admirou o acervo. Pegou um livro pelo simples fato de lhe parecer o mais atraente. Começou a ler, ali mesmo, em pé, como se quisesse apenas um contato rápido, ler a orelha, a contracapa, algo assim. Mas, ao invés de abrir as primeira páginas, abre o meio do livro e lê uma página. Lê, em pé, **sem pressa**, toda uma página. **Sente mudar** todo o corpo, algo novo, uma sensação diferente o percorre. **Seus** pés não pareciam tocar no chão, o livro não tinha peso, parecia segurar uma folha de seda. **Dirigiu-se** para **uma das** mesas e continuou sua leitura. **Aí** se deu conta **de que** conhecia aquelas palavras, **de que** conhecia esta história, **de que** já tocara neste texto. Continuou por duas ou **três** páginas e sua memória se avivava cada vez mais e mais forte. Já lera aquele livro: **dele** eram aquelas palavras que, **acossando-o** incessantemente, permaneceram em sua cabeça.

Observava o abismo aberto aos meus pés, vale profundo do qual vinha um pranto amargo, e vislumbrei, da cova ao longo, multidão de almas caladas e lacrimosas, avançando ao passo tardo que no mundo é próprio das procissões. Mais acuradamente observando, percebi que, de modo espantoso, todo justificado tinha voltados para as costas o mento e o pescoço, caminhando como quem recua, pois lhes era proibido olhar para frente... incomoda-te o murmúrio desta gente? Segue-me de perto e deixa falar. Sê como torre firme, cujo cimo não desaba ao soprar dos ventos. Pois é certo que, entregando-te ao mesmo tempo a vários pensamentos, perdes em firmeza e teu ideal afastas, dado ser próprio de um pensamento enfraquecer a força do que lhe é anterior.

Angustiado no início, à medida que lia, sua cabeça ia se aliviando, **como se descansasse**. **Era** uma **boa** sensação de esvaziamento, **ao passo** em que a leitura prosseguia. As mesmas palavras que ecoavam em sua cabeça estavam ali naquele livro e iam desaparecendo **enquanto** a leitura adiantava. Absorto continuava a ler sem se dar conta do que se passava em volta e, **sobretudo**, do passar do tempo. **Eis que** é delicadamente avisado pela bibliotecária: **já** havia passado meia hora **além do** expediente. Eram dez e meia da noite. Ao sair, **em** passando pelas estantes, dá-se conta **de** que o livro **aleatoriamente escolhido** e outros, ali expostos, eram livros

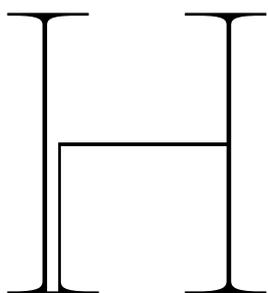
dos quais tinha **ele, por uma razão ou outra**, abandonado a leitura: A Bíblia Sagrada; biblioteca infantil da livraria Quaresma; Monteiro Lobato; M. Gorki; O. Kayyann; J. Krishnamurt; G. G. Marques; Fernando Pessoa; J. L. Borges; W. Benjamim; S. Freud; **Dostoievsky**; Kafka; D. **Alighieri**; Nietzsche, J.G. Rosa, todos se encontravam ali, gritando e esperando por ele. **Efusivamente** agradece à pessoa que o recebera **naquela** tarde. **Não podia aquela outra** avaliar o significado da **visita dele**. Ele sai em direção ao carro. **Desde** criança, agradável sensação assim jamais experimentara qual essa agora, após finda a leitura. Estava mais **leve** a sua **cabeça** e **exultante** o seu **coração**.

Para todo escritor é sempre uma surpresa o fato de que o livro tenha uma vida própria, quando se desprende dele; é como se parte de um inseto se destacasse e tomasse um caminho próprio. Talvez ele se esqueça do livro quase totalmente, talvez se eleve acima das opiniões que nele registrou, talvez até não o compreenda mais, e tenha perdido as asas em que voara ao concebê-lo: enquanto isso o livro busca seus leitores, inflama vidas, alegra, assusta, engendra novas obras, torna-se a alma de projetos e ações – em suma: vive como um ser dotado de espírito e alma, e contudo não é humano. – A sorte maior será a do autor que, na velhice, puder dizer que tudo o que nele eram pensamentos e sentimentos fecundantes, animadores, edificantes, esclarecedores, continuam a viver nos seus escritos e que ele próprio já não representa senão a cinza, enquanto o fogo se salvou e em toda parte é levado adiante.

Neste exato momento ele conclui que *todo mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas... Viver é muito perigoso... as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que eles vão sempre mudando. Afinam ou desafinam... O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais.*

No outro dia e em todos **os** dias seguintes, seu carro podia ser visto estacionado das 18 às 22 horas. **Sempre em** frente à Biblioteca.

O Prazer da leitura



á quem culpe a Internet pela evasão dos leitores, mas é provável que hoje se leia mais, mesmo que seja em “internetês”, do que antes da era virtual, pois a língua escrita é largamente usada na web. Na Europa, é usual que cada cidadão tenha sempre em mãos um livro, uma revista, um jornal ou algo similar, nas mais diversas circunstâncias do cotidiano, seja em transportes coletivos, salas de espera, cafeterias ou praças públicas. Cada um carrega consigo algo escrito para momentos ociosos.

Recentemente, cenas inusitadas, envolvendo leitores estrangeiros, atraíram minha atenção. No desembarque, em Munique, o operador da ponte móvel abriu um livro e pôs-se a ler, atentamente, de pé, após o término de sua tarefa, indiferente ao fluxo dos passageiros. Era como se o entorno não existisse para ele. Uma cena usual como essa, para os europeus, é motivo de estranhamento para nós, brasileiros, pelo fato de não estarmos habituados a ver livros em mãos operárias, sobretudo em horário de trabalho.

De outra feita, também em Munique, à porta de uma sala de concertos, via-se na fila um garoto, de cerca de dez anos, mergulhado na leitura de um livro, alheio a tudo e a todos. O fato era duplamente surpreendente. Aqui no Brasil, normalmente não se veem crianças em concertos de música erudita. Quando isso acontece, geralmente não estão ali por vontade própria, mas por ingerência familiar. Naquela fila, havia diversas crianças, todas elas aparentemente de bom grado.

Em Paris, presenciei uma cena curiosa, ao flunar sob os arcos da rua Rivoli, ao lado do museu do Louvre. Um mendigo, deitado placidamente no passeio público, indiferente aos passantes, parecia usufruir da leitura de um bom livro. Seu boné fora colocado displicentemente ao lado, para eventuais óbolos. Todavia, as misérias da vida não lhe diziam respeito. Absorto no tempo e no espaço parecia não se dar conta do constante tilintar de

moedas. Suspeitei que fosse uma encenação. Seria aquele mendigo um leitor voraz ou estaria lançando mão de um stratagem que lhe rendesse bons proventos? Os amantes da leitura (que são muitos na Europa) certamente não deixariam de dar um adjutório àquele infortunado com quem teriam alguma afinidade. Além do mais, talvez fosse menos constrangedor para o esmoler fazer sua boa ação livre da abordagem do mendicante. Os passantes quase sempre evitam o olhar dos desvalidos, não sei se por comiseração, por pressa, por desprazer... Talvez pela fusão de sentimentos difusos, ou até mesmo pela sensação de impotência diante das misérias do mundo. De qualquer forma, aquele pedinte (que não pedia) se fazia merecedor de ajuda, tanto pelo gosto da leitura, quanto pela sutileza da mendicância.

Segundo o poeta Fernando Pessoa, “o mito é o nada que é tudo”. Realmente, a ficção, muitas vezes, é mais verossímil que a realidade. Ao embrenhar-se nas aventuras de um bom livro, o leitor escapa do tempo cronológico e, por conseguinte, da faina do cotidiano. O tempo mítico lhe permite vislumbrar novos horizontes, conhecer novos mundos, viver outras vidas, driblar as agruras, as tristezas e os estorvos do dia a dia. A literatura, o cinema, o teatro, enfim, a arte em geral tem essa capacidade arrebatadora de subverter a noção espaçotemporal. Na opinião de Nietzsche, “temos a arte para não morrermos da verdade”.

GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

CADEIRA 33

De livros, leituras e leitores

E

interessante notar a relação da cidade de Vitória com as Letras. Academias de Letras, Grêmios Literários, grupos de escritores e ultimamente de leitores floresceram e florescem por aqui, como contraponto à conhecida falta de interesse pelos livros e pela cultura em geral, infelizmente uma tendência contemporânea e não só no nosso querido “Brasil, país de todos”. No site de relacionamentos Facebook, fui incluído, ultimamente, num grupo chamado “Que livro você está lendo”; de uma consulta ao site Tertúlia Capixaba (www.tertuliacapixaba.com.br), do escritor Pedro J. Nunes; relembro grupos de leitores que por aqui havia, em matéria *do Jornal A Gazeta*, de 8.06.2006, intitulada “Com versos, encontros e aquela prosa”.

Entre nós, desde a fundação, em Vitória, da Biblioteca Pública Estadual, em 1855, com a iniciativa de Brás da Costa Rubim – ou, melhor dizendo, desde sua reorganização, em 1880, pelo presidente da Província Eliseu de Souza Martins – temos alguma espécie de dados dando conta do interesse pela leitura dos habitantes e visitantes da cidade. Na palestra que realizou sobre os 157 anos de fundação da Biblioteca Pública Estadual, o escritor Reinaldo Santos Neves chamou a atenção para os relatórios de usuários dos serviços da instituição que, desde 1880, começaram a integrar os relatórios dos presidentes da Província. Esse fato atesta a importância que a instituição foi passando a ter a partir dos anos oitenta do século XIX e serve para mostrar a presença, entre nós, de letrados e de interessados na leitura, naqueles tempos provinciais, tratados na historiografia local e externa de forma tão pouco lisonjeira para o Espírito Santo.

Mas a fundação da Biblioteca Pública não foi, cronologicamente, o primeiro passo na “ilustração”, por assim dizer, dos vitorenses: já em 1840, o Alferes Ayres Xavier de Albuquerque Tovar trouxe para aqui a nossa primeira tipografia, com o objetivo de publicar um jornal oficial. Os fatos são bem conhecidos: sob a direção de José Marcelino Pereira de Vasconcelos foi

impresso um único número de *O Estafeta*. Com a morte de Tovar, em 1841, o maquinário permaneceu inativo, até sua venda a Pedro Antônio Azeredo. Este se tornou o precursor da imprensa capixaba, ao iniciar a publicação, em 17 de janeiro de 1849, do *Correio da Vitória*, periódico bissemanário que circularia entre nós por vinte e quatro anos, sob a direção de José Marcelino Pereira de Vasconcelos.

É do mesmo José Marcelino a iniciativa da publicação do primeiro livro, entre os até hoje localizados, editado em terras capixabas: o 1.º volume do *Jardim Poético*, de 1856 (de que a Academia Espírito-santense de Letras fez publicar uma 2.ª edição em 2008, mediante convênio com a Prefeitura Municipal de Vitória). Embora, registre-se, o primeiro autor capixaba publicado de que se tem notícia seja Manuel de Andrade Figueiredo, calígrafo do Reino, que, em 1722, publicou em Lisboa *Nova Escola para aprender a ler, escrever & contar*, de que a Academia Espírito-santense de Letras também fez tirar uma 2.ª edição (talvez a primeira edição brasileira), em 2008. Da primeira edição do *Jardim Poético*, guarda hoje a Biblioteca Pública Estadual um exemplar, dentre os outros tantos que deve ter possuído nos seus anos iniciais de funcionamento.

Ao incansável José Marcelino Pereira de Vasconcelos devemos a cogitação inicial do registro dos esforços literários havidos entre nós. Do frontispício do *Jardim Poético* colhe-se esta sua preocupação, que lhe animava as intenções:

“Desde o descobrimento desta parte do Império que muitos Gênios hão de ter nascido, vivido debaixo de sua atmosfera, e morrido com o fruto de suas lucubrações [...] como poderemos ter glória por este modo? Como poderemos representar nos futuros séculos um importante papel entre os literatos brasileiros, deixando cair em olvido, concorrendo mesmo para se esvaecerem tão interessantes documentos?”

À visão de José Marcelino se deve o fato de uma pequena parcela da produção dos contemporâneos espírito-santenses não ter tido outro destino e poder ser conhecida por nós, pelo público leitor de hoje.

Mas nisto de publicação, como registrou o Acadêmico Renato Pacheco no breve texto “Introdução à História do Livro Capixaba”, que integra seu *Estudos Espírito-santenses*, publicado em 1994 pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, autores locais publicavam fora daqui. Cite-se, por todos, ainda José Marcelino Pereira de Vasconcelos, nosso mais prolífico escritor da época e, sem dúvida, a personalidade mais marcante daqueles inícios da produção gráfica capixaba, que teve obras de grande importância publicada pela editora dos irmãos Laemmert, do Rio de Janeiro. Exemplos hoje muito raros de seus *Ensaio sobre a história e estatística da província do Espírito Santo*, aqui publicado em 1858, do *Roteiro dos Delegados e Subdelegados de Polícia*, *Manual dos Juizes de Direito*, o próprio *Jardim Poético*, compõem os acervos de obras raras da Biblioteca Pública Estadual, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Academia Espírito-santense de Letras.

A consolidação da imprensa no Espírito Santo, na segunda metade do século XIX, e o interesse que despertavam as disputas políticas nas páginas dos órgãos oficiais dos partidos,

na capital e no interior, sem dúvida incrementavam o interesse pela leitura. A fundação do primeiro grêmio lítero-científico do Espírito Santo, em 1916, o Instituto Histórico e Geográfico, contribuiu para consolidar a canalização dos esforços dos letrados locais contemporâneos. Aos quadros do Instituto Histórico e Geográfico pertencia a maioria dos fundadores da Academia Espírito-santense de Letras, cujo pontapé inicial, em 31 de julho de 1921, se deu no Clube Boêmios, onde estava instalada a sede do Instituto.

No período de inatividade da Academia de Letras, entre 1925 (última reunião registrada em ata) e 1937 (ano da convocação dos demais remanescentes pelo Acadêmico Arqumimo Martins de Matos), floresceram em Vitória algumas associações literárias, registrando Elmo Elton no estudo introdutório ao *Patronos e Acadêmicos* a Academia Espírito-santense de Novos e o Grêmio Rui Barbosa. Com a reorganização da Academia Espírito-santense de Letras naquele ano, muitos dos integrantes dos dois grêmios passaram a ocupar cadeiras no sodalício maior.

Como uma instituição voltada ao cultivo das letras, a história da Academia Espírito-santense foi enriquecida pela doação à Casa da biblioteca pessoal do Acadêmico Álvaro Henrique Moreira de Souza, Saul de Navarro, em 1947. Navarro era leitor consciencioso e de seu acervo fazem parte exemplares diversos em francês, espanhol e inglês. A formação do acervo é, aliás, uma das preocupações da nossa Academia: nas atas das reuniões naqueles anos iniciais consta o registro de cada título que lhe era doado, sendo o primeiro registro, na reunião de 25 de setembro de 1923, de um exemplar da Revista da Academia Brasileira de Letras.

Homem de Academia, a Brasileira, é o autor do livro que mais divulgou as coisas do Espírito Santo no meio literário, livro este que, agora, em 2012, completa cento e dez anos de publicação: o *Canaã*, de Graça Aranha, obra inspirada ao jovem Juiz Municipal do Porto de Cachoeiro de Santa Leopoldina pela acusação de infanticídio contra a imigrante de origem alemã Guilhermina Lubke. O incidente com a Maria Perutz do livro é pano de fundo para a discussão de ideias sociológicas então em voga. Ademais disto, o *Canaã* é importante representante do chamado “romance de imigração” no Brasil.

A obra máxima de Graça Aranha inspirou ao Acadêmico Augusto Lins dois títulos em que demonstra seu afincamento no estudo do romance, o *Variações Estéticas do Canaã*, cuja segunda edição, de 1981, dedicou à Academia Espírito-santense de Letras, “com gratidão e respeito” e do monumental *Graça Aranha e o Canaã*, de 1967, dedicada à Academia Espírito-santense de Letras e à Arcádia Espírito-santense, que integrara. É neste último livro em que, ao prefaciá-lo, o ministro Renato Almeida constata que o Espírito Santo:

“foi o grande personagem do Canaã, criado com o fascínio e o deslumbramento da natureza, com todas as implicações filosóficas do seu panteísmo, que integra a terra no livro; foi o homem que ali vivia a tragédia do subdesenvolvimento e o que veio do estrangeiro com suas doutrinas adequadas ou conflitantes com o meio; foi o complexo social em que se fundiam formas diferentes de um Brasil que se miscigenava, aculturava e

reinterpretava; foi o quadro de uma sociedade em formação na variedade de figuras e aspectos, foi, em suma, a ecologia natural, social e humana que fez do Espírito Santo o personagem central do livro, e lhe polarizou a ação, o lirismo e a dinâmica”.

O livro de Graça Aranha inspirou ao Acadêmico Renato Pacheco seu *Fuga de Canaã*, de 1981, onde o autor “redescobriu Santa Leopoldina (o ex-Porto do Cachoeiro do autor maranhense) setenta anos depois, quando a região [...] já se encontrava decadente” (da orelha do livro). Foi Renato Pacheco, sucessor de Augusto Lins no gosto pelo estudo do *Canaã*, quem prefaciou uma edição no centenário da publicação da obra, em 2002.

Num arroubo, Graça Aranha rompeu com a Academia Brasileira de Letras, em apoio à florescente estética modernista; para José Lins do Rego, cobriu-se de ridículo naquela passagem (*apud* TATI, Miécio. *Jorge Amado: Vida e Obra*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1961, p. 10). Renato Pacheco, Acadêmico e Presidente de Honra do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, permeava suas atitudes de uma boa dose de iconoclastia. Ambos, de alguma maneira, simbolicamente buscando despregar-se da ideia ridícula e ainda hoje enraizada de distanciamento das Academias de Letras do público, de uma autocultuação ensimesmada e solitária dessas Casas literárias. Ambos procuraram, de alguma forma, misturar-se aos leitores – e não só àqueles que canalizam a leitura, direcionando-a à produção literária. Ponto este onde voltamos ao exemplo dos grupos de leitores citados no texto do jornalista Clodomir Bertoldi para o jornal *A Gazeta*, de 2006, referido acima.

Dos grupos ali retratados merece menção o mais longo e justamente aquele que não apresenta perfil definido: não é exclusivamente de leitores nem é exclusivamente de escritores. Ali todos leem e todos escrevem. E todos têm ciência de que, para bem escrever, é preciso ler. Para o escritor Luiz Guilherme Santos Neves, existe entre os frequentadores do Sabalogs um “verniz literário” que os une, no convívio das manhãs de sábado na Livraria Logos da Praia do Suá, em Vitória. Dessa tertúlia, já vintenária, diz o mesmo Luiz Guilherme Santos Neves ser sucessora no tempo das reuniões de intelectuais que aconteciam na Livraria Âncora, na Rua Nestor Gomes, no centro de Vitória.

Sabalogs é expressão cunhada pelo Acadêmico Renato Pacheco, entusiasta frequentador das tertúlias até o seu falecimento, em 2004. Trata-se de um trocadilho juntando o termo *sabadoy* (as famosas reuniões realizadas, no Rio de Janeiro, na residência do advogado e bibliófilo Plínio Doyle) ao da livraria que desde sempre acolheu os tertulianos capixabas. Ali, no recanto que hoje leva o nome de Renato Pacheco, reúnem-se os escritores/leitores, para folhear e discutir novidades livrescas e também do cotidiano.

Se, atualmente, Vitória encontra-se razoavelmente munida de livrarias, nem sempre foi assim. E depois que passou a sê-lo, havia o problema do preço do livro, que é problema recorrente. E dele fala José Carlos Oliveira em crônica intitulada “Livros Velhos”, publicada no jornal *A Tribuna* de 27.10.1951 e reunida por Jason Tércio em *José Carlos Oliveira – o rebelde precoce: crônicas da adolescência*, publicado Gráfica Espírito Santo em 2003:

“No sebo da Rua Gama Rosa, incompreensivelmente o único de Vitória, comprei nove cruzeiros e cinquenta centavos de literatura. Essas casas de livros velhos são uma necessidade; ali os rapazes pobres podem comprar bons livros por pouco dinheiro, formando uma biblioteca humilde, mas decente”.

Retrato de uma época, infelizmente nem assim tão distante.

O fato é que a preocupação com a produção literária local, mas também com o seu consumo, a leitura, entre nós, permeia a história da Academia Espírito-santense de Letras. Do seu engajamento na campanha para dotar cada município capixaba de uma biblioteca, que se pode ler das atas das reuniões na década de 40 do século XX, aos estudos de Acadêmicos a respeito, não por coincidência dois presidentes da Casa: Francisco Aurelio Ribeiro, que na *Revista* comemorativa ao 81.º aniversário da Academia Espírito-santense de Letras, de 2003, publicou o texto “Para que ler os capixabas”; e Gabriel Augusto de Mello Bittencourt, que na edição da *Revista* comemorativa ao 85.º aniversário da Academia, de 2006, publicou “A Historiografia Capixaba e o problema da publicação”.

O fato é que a leitura, hoje, não se faz apenas no livro, no suporte físico papel; sua evolução passa, inevitavelmente, pela interação do leitor com a internet. Livros eletrônicos (ainda incipientes), jogos on-line e redes sociais devem, sim, ser aproveitados por autores e editores, porque existe um público a isto predisposto e não parece fácil introduzir alterações num hábito de consumo que já se consolida.

Hoje, a maioria dos municípios do Espírito Santo tem biblioteca pública, o que é animador. Mas qual será o estado de suas instalações? De seu acervo? Receberá a instituição a devida atenção do Poder Público? Estará munida de equipamentos digitais, que possibilitem o acesso às novas formas de consumir cultura? Uma instituição como a Academia de Letras, cujos integrantes, de alguma maneira, são produtores de cultura, deve se ocupar também de como essa produção chega até ao destinatário.

Voltando ao início, historicamente existe uma predisposição local para as iniciativas voltadas às letras. Será que, os que nos preocupamos com isso, estamos sabendo aproveitá-la?

ANAXIMANDRO AMORIM

CADEIRA 40

A Forma mais barata de se viajar

R

esponda rápido, caro leitor: qual a forma mais barata de se viajar? Comprando pela internet, em dia de promoção? Fechando um pacote turístico, para uma excursão? Pegando carona e dormindo no chão? Não! Nenhuma delas! Existe uma outra forma, muito mais em conta do que essas. Às vezes, até gratuita. Descobri há muito tempo. Mas não compartilhe com ninguém, tá bom? É segredo. Ficou curioso? Pois bem, eu digo pra você: a forma mais barata de se viajar é... ler um bom livro!

Decepcionado? Então, provavelmente, você deve ser mais um dos que torcem o nariz para uma boa leitura. Que pena! Não sabe o que está perdendo! Digo isso porque eu já sou um experiente viajante das letras. Não me lembro exatamente qual foi o primeiro livro que peguei para ler, mas lembro-me, certamente, de um dos primeiros. Um não, uns: a coleção inteira de Monteiro Lobato, que guardo até hoje e não dou, não vendo e não empresto! Foi minha primeira viagem, certamente, e junto de uma companhia invejável para qualquer criança: Emília, Pedrinho, Narizinho, Visconde de Sabugosa, Dona Benta e Tia Nastácia. Como eu me imaginei dentro do Sítio do Picapau Amarelo, como parte das “Reinações de Narizinho”... e o medo do Mínotauro? E as viagens para Grécia e Roma? Posso lhe dizer, amigo leitor, que o “pó de pirlimpimpim” foi minha primeira passagem para um mundo novo e totalmente excitante, feito de mitologia, navegadores, aventureiros... e tipos bem brasileiros!

Também viajei muito ao lado do meu amigo José de Alencar. Sim, meu amigo, por que não? Apesar de um século de distância, tenho certeza de que ele escreveu “O Guarani” pensando que eu iria ler o livro, no futuro. Foi o que fiz, com os dois tomos. Sofri com o romance de Peri e Ceci e torci muito, como numa boa telenovela, com o final feliz do casal. Depois, vieram as mulheres, Lúcia, Diva e Aurélia, esta última, rica, bonita, charmosa, fina...

e meio cruel, vá lá! Mas... quem não tem defeito? Até mesmo Capitu, com seus “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”... mas esse daí é o Machado de Assis, outro camarada, que, com seus tipos bem cariocas, me fez rir um bocado: Conselheiro Aires, os gêmeos Pedro e Paulo, Simão Bacamarte, Bentinho... todos eles me permitiram conhecer, de uma maneira ou de outra, os matizes da natureza humana, pelos olhos do bruxo do Cosme Velho.

Cansado de ficar apenas em território nacional, resolvi arriscar e, já seguro no francês, minha língua preferida, até hoje, conheci o universo de um sujeito que, junto com Alencar, divide o panteão dos meus autores preferidos. Seu nome: Alexandre Dumas, o pai. Quem nunca ouviu falar de Edmond Dantès, o Conde de Monte-Cristo? Deus! Foi outro sofrimento, vê-lo aprisionado no castelo da ilha de If, pelo maldito Danglars, impedido de se casar com a linda Mercedès... Penei horrores, acompanhando a fuga de Dantès e seu plano de vingança. E Dumas, hábil escritor, me levou até a última página, desesperadamente. Não, o final eu não conto, amigo leitor... quer saber como a história termina? Leia o livro e deixe-se levar pelos costumes do sul de uma França do século XIX, com seus marinheiros, piratas e conspiradores. E, se quiser ir mais longe, leia “Os Três Mosqueteiros”, do mesmo autor. Afinal, quem nunca quis ser destemido como D'Artagnan?

Mas não foram apenas as grandes aventuras que me fascinaram: os casos do coração também, como o da polêmica Madame Bovary. O clássico de Gustave Flaubert me fez sentir vontade de entrar na história e tentar impedir Emma de buscar suas aventuras, sobretudo com Rodolphe. Aliás, quis muito dar uns conselhos também a Frédéric Moreau, para esquecer Marie Arnoux, em “A Educação Sentimental”; ou a Julien Sorel, para que ele largasse a Madame de Rênal, em “O Vermelho e o Negro”, este, de Stendhal. Mas, se isso acontecesse, nós não teríamos esses romances, não é mesmo? Afinal, o que seria da Literatura sem as grandes paixões?

Viajei também por outros países, outras culturas e outras línguas: fiquei impressionado com o Inferno de Dante e, como o poeta, preferi ir para o céu (mas, por enquanto, está bom aqui na Terra, mesmo!); já formado em Direito, revoltei-me com o sumário processo de Josef K., de Kafka, sem direito a contraditório e ampla defesa (e o pior, sem qualquer tipo de acusação!); fiquei triste com a história de Pirrip, em “Grandes Esperanças”, de Dickens e impressionado com o diabolismo de Dorian Grey, o homem que nunca envelhecia e que pagou um preço caro por isso (nessas épocas de culto exacerbado ao corpo, deveria haver um exemplar do romance em todas as academias de ginástica). Enfim, viajei pelo Brasil, pela França, pela Itália, pela Inglaterra, República Tcheca, Alemanha, Argentina, Chile, Estados Unidos e, quando fui a alguns desses lugares – ou conheci gente desses países – era como se já tivesse ido lá, há muito tempo. E tudo isso eu devo à leitura, que me proporcionou viajar sem sair do lugar, e conhecer épocas, costumes e línguas da forma mais barata que existe.

KAMILA BRUMATTI BERGAMINI

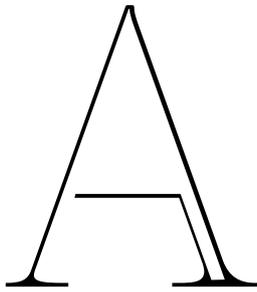
CONVIDADA

A memorabilia de Roberto Mazzini: registros de cidades visíveis

A memória é uma ilha de edição. WALY SALOMÃO

*A cidade é redundante: repete-se
para fixar alguma imagem na mente. [...]
A memória é redundante: repete os símbolos
para que a cidade comece a existir.*

ITALO CALVINO, AS CIDADES INVISÍVEIS



capacidade de narrar ou formar registros verbais confunde-se com a capacidade de reter informações e de constituir memória. Em tese, as narrativas são aquilo que conseguiu sobreviver ao esquecimento do narrador, sendo, portanto, a parte visível do processo de resgate de impressões. Mas são também o espólio de um processo duplo de seleção imagética. Considerado duplo porque o lembrado, que em si já é um tipo de seleção, é mais uma vez decantado, quando se transforma em narrativa. Nem tudo que o narrador relembra se encaixa no relato; nem tudo é aproveitado no texto.

A fragmentação do olhar narrativo, ao contrário do que possa parecer, não invalida ou diminui o potencial informativo de fatos e cenas descritas. Na literatura contemporânea, isso fica patente pela compreensão do narrar segundo um perfazer linguístico que se permite oscilante e que pode ser refeito inúmeras vezes sem esgotar o potencial de descrição das coisas. O leitor/ouvinte, na espreita dos limites da narração, preenche lacunas, caminhando para além das palavras lançadas. Torna-se, também, um narrador em potencial por via da intertextualidade que opera entre o texto lido/ouvido e o imaginário narrativo que traz consigo.

Narrar é ainda confundir o sujeito (que fala) com o objeto (que é falado). Quase “uma empatia de alma”, levada ao extremo da disponibilidade do

mundo ao olhar artístico. E “se alguns espaços lhe parecem fechados, é porque aos seus olhos [do escritor] não vale a pena ser inspecionados” (apud BENJAMIN, 1994, p. 52).

Com a cidade e os relatos que dela surgem não é diferente. Fluxo constante de pessoas e indiscutivelmente de experiências, a cidade é um dos grandes temas da literatura, a partir do século XX. O encanto que esse espaço exerce em muito tem relação com sua dialética de feições praticamente humanas, o que tornam contíguas as experiências da urbe e da subjetividade. A pluralidade urbana é ora paradoxal ora desvairada, ora pragmática ora lírica. Uma Paulicéia de tristezas e alegrias, de neve e verão, de civilização e prisão, na imagem andradina.¹

Esse macrocosmo, local do diverso por excelência, desafia o poder de memorização dos narradores na mesma proporção que os convida a decifração parcial de seus símbolos. Como não é possível dar conta de todas as referências — seja pela sua quantidade, seja pela sua constante transformação — é a memória, esta ilha de edição de lógica obtusa, quem seleciona imagens, pessoas, conversas, sons, lugares, dando-lhes uma coerência particular e mesmo assim capaz de representar metonimicamente o todo chamado cidade.

Foi desta maneira que Marco Polo, o lendário viajante italiano, conseguiu mostrar ao imperador mongol Kublai Khan toda a vastidão de seus domínios. De relato em relato, Polo dá conta de dizer o que há de mais peculiar em cada cidade, respaldando-se em detalhes banais aos olhos de um outro viajante. No diálogo entre os dois personagens criados por Italo Calvino em *As cidades invisíveis*, a memória é o que há de mais concreto em um lugar, pois é através dela que a cidade existe.

A experiência estabelecida com elementos locais reaviva narrativas anteriores; trata-se de uma memória polifônica que transforma tais objetos em lembrança. Na cidade, “não” é possível conhecer, mas reconhecer. Polo considera ruas como páginas escritas com um discurso intercambiável (CALVINO, 2007, p. 18). Cada símbolo alimenta associações com outros símbolos, o que forma um jogo labiríntico de analogias *ad infinitum*. As cidades se realizam na memória do viajante de uma maneira singular, traçando um imaginário que lhe é próprio, mas que reverbera um imaginário coletivo e que se complementa com o imaginário particular do conquistador, gerado exclusivamente através do discurso de seu funcionário.

Feita “das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado” (CALVINO, 2007, p. 14), as cidades formam e são formadas por discurso. São fruto de um olhar selecionador, que garante o relevo das coisas pelo próprio ato de olhá-las. “Todo o resto da cidade é invisível” (CALVINO, 2007, p. 85), diz Polo quando relembra partes de Fílide. O resto a que se refere são os espaços fora de sua narração, e portanto, fora da linguagem.

A invisibilidade transforma-se em espécie de um “não estar” das coisas para com a intertextualidade, e em primeira instância, para com a linguagem. E é partindo desta imagem, de cidades invisíveis, que pretendo falar das “cidades visíveis” de outro narrador, que como Polo, lança-se ao mundo sustendo na alma referências (cumuladas) e origens (entre elas, a italiana).² Falo do cronista ítalo-capixaba Ivan Borgo, de quem procuro a princípio deixar um pouco mais visível a própria figura.

Registros de um autor e sua obra

Ivan Anacleto Lorenzoni Borgo nasceu no município de Castelo-E.S, em 1929, e vive desde 1940 na capital capixaba. Bacharel em Direito com especialização em economia, Ivan ocupou por muitos anos o posto de professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo, chegando a ser chefe do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Econômicas. Também foi membro da comissão de criação do curso de Serviço Social da Ufes, do Conselho Editorial da Fundação Ceciliano Abel de Almeida e do Conselho Estadual de Educação do Espírito Santo. A atuante vida acadêmica de Borgo reflete-se em suas publicações. São do autor, que hoje pertence à Academia Espírito-Santense de Letras: *Adam Smith e o sistema de ordem natural*, 1976; *História do pensamento econômico: aspectos metodológicos*, 1987; e *Ciclo madeireiro e povoamento do Norte do Espírito Santo (em parceria)*, 1998.

Nas publicações *Crônicas de Roberto Mazzini*, 1995; *Navegantes*, 1997; *Recordações do futebol de Vitória*, 1997; *Novas crônicas de Roberto Mazzini* (2003); sai de cena Ivan para a entrada da Roberto Mazzini, pseudônimo que assina os textos literários. Excetuando a obra de 1997, Mazzini dedica-se a crônicas que podem ser divididas em dois grandes temas: memórias de infância/juventude e memórias de viagem. Em ambas as temáticas, a cidade aparece com um papel muito superior a pano de fundo das histórias.

De fino tratamento vocabular, capaz de descrever com elegância um rol de cidades que comporta desde as europeias Veneza, Londres, Roma, Pádua, Madri, passando pela oriental Tóquio, pelas americanas Nova Iorque e Honolulu, até chegar a Vitória, Domingos Martins, Cachoeiro de Itapemirim, Itaúnas e outras cidades capixabas, Mazzini se especializa em associar suas vivências aos lugares por onde passa, de modo a rarefazer os limites entre o indivíduo (interior) e o espaço (exterior). O resultado é um lirismo revelador, responsável por apresentar com extrema originalidade, poesia e um toque de humor os cenários de seus textos.

Epítetos e perífrases nos dão conta de tamanha criatividade. Nova Iorque é uma “cidade grávida de futuro” (BORGGO, 1995, p. 67); alguém mais velho é “um companheiro de viagem que tomou o vagão um pouco na frente” (BORGGO, 1995, p. 12); Ernest Hemingway um “invencível machão de bagos de ouro” (BORGGO, 19995, p. 15), o bilheteiro do Cine Politeama um “senhor de rosto avermelhado [que] guarda a entrada do cinema como um dragão defendendo o seu tesouro” (BORGGO, 2003, p. 82); um sashimi “uma possível concorrente à exposição de arte de vanguarda” (BORGGO, 1995, p. 85). Definições que, para José Sebastião Witter, são forjadas por um “incorrigível descobridor de pérolas no cotidiano de seu viver e conviver” (BORGGO, 2003, p. 11).

Gosto da ideia de descobrimento. Mas prefiro reconhecer em Mazzini a idéia do “tecelão de inventos cotidianos” (ABREU, 2005, p. 138), assumida pelo narrador de “O dia de ontem”, de Caio Fernando Abreu, por achar que Mazzini transcende à captação direta do universo externo. Suas revelações — em um sentido fotográfico — deixam claro que a criação supera a representação. São particulares, dizem muito do próprio narrador e seu mundo permeado por anos de leitura, pelo apreço ao cinema, pelo estudo, pelo trabalho, por viagens. Falam até mesmo da in-

fância, de um convívio com a família de forte tradição italiana, da fé católica, de paixões pueris e de sentimentos duradouros.

O cotidiano é relido, reinventado, guarnecido de imagens que sugerem uma urbanidade tecida a partir da alma do narrador, mas que se permite experimentável graças às suas “confluências”. Na narrativa homônima, que abre *Crônicas*, Mazzini articula o que se pode chamar de *associação imagética*, recurso dos mais atraentes em sua escritura, segundo o qual a realidade captada parece estar à espera de correlações, de intersemioses. Cabe ao narrador (e ao leitor) fazê-lo, tomando o texto pura experiência intertextual.

Em “Confluências”, o narrador reconhece um passante de idade avançada como sendo personagem de uma antiga história de sua infância. Trata-se de o *Celerado*, epíteto enigmático que se mostra mais adiante um grande símbolo a ser decifrado por alusões e recordações em abismo:

Enquanto o observava, foram surgindo estranhas palavras em sua memória: *biltre*, *imbecil*, *facínora*, que afinal deram o contorno para justificar o cognome do Celerado que ele mesmo lhe havia posto depois de uma demorada análise dos termos que pudessem ser os mais ofensivos. Envolvido por essas palavras que tinham um certo peso cabalístico, na verdade viu-se transportado de Camburi para uma mansarda da rua Gama Rosa, no início dos anos quarenta. (BORGO, 1995, p. 12).

O sujeito é lembrado como um rapaz de outrora, “o grande sedutor ostentando seu bigode preto à Clark Gable e seus vinte e cinco anos de idade, *no mínimo*” (BORGO, 1995, p. 13). É o pivô de uma desilusão sofrida entre o narrador, com então treze anos, e sua idealização amorosa, a *Menina de Trança*. É ele quem “rouba” a namorada imaginária antes mesmo de o jovem Mazzini se declarar. Ao final, vencido e sem expectativas de viver o amor, reconhece: “Seu magro consolo foi o de recorrer ao recém-descoberto vocabulário dos heróis das histórias em quadrinhos, dos gibis que levava para o sótão. Um vocabulário usado contra criminoso: *biltre*, *imbecil*, *celerado*, ‘prendam esse *facínora*’” (BORGO, 1995, p. 13).

A confluência se dá pelo fragmento urbano captado pelo olhar, um sujeito comum, tornado personagem de uma trama do passado. A ligação entre sujeito e história reside no termo “celerado”, desencadeador de outras expressões que culminam na lembrança de um vocabulário próprio da literatura de sua infância. As referências se cruzam; ficção e real perdem a marca indelével de seus territórios. Quem sabe o sujeito nem seja o mesmo personagem da história antiga. Mas as palavras e seus intercâmbios assim o fizeram por um “conluio sistemático que os fados resolveram organizar para azucriná-lo” (BORGO, 1995, p. 14). Assim como fazem em “A palavra”, que traz Roma como ambiente de confluências.

No trajeto do aeroporto até o hotel, Mazzini deixa falar seu lado acadêmico, e a capital ganha uma descrição sem força poética: “A civilização industrial, sabem todos, uniformizou de tal modo esses lugares que, seja em que cidade estivermos, temos sempre uma não muito

agradável sensação de ubiquidade” (BORGO, 1995, p. 40). Descrição desfeita à medida que entra em cena o “tecelão” e seu olhar revelador sobre o detalhe banal.

Da janela do hotel, Mazzini avista a referência inóspita, cobrindo o muro adiante. O que vem a ser *risparmio*? Em primeiro momento, uma palavra que contrasta sua visibilidade “em grandes caracteres” com o desconhecimento de seu significado. A palavra também mostra a angustiante distância entre o Mazzini ítalo-brasileiro e o idioma de seus antepassados. Aos poucos a referência colhida quase que sem intenção começa a desenrolar fios invisíveis de uma intertextualidade cinematográfica e/ou cinéfila:

Sento-me na cama e sou invadido por um súbito desconsolo. Há uma inesperada melancolia envolvendo-me como uma nevoa. Há um filme retrospectivo que se encaixa e minha cabeça sem ser convidado e que se impõe como algo inexorável. Não demora e percebo que o tema do filme nada mais é do que referências mais ou menos diretas à minha própria circunstância (BORGO, 1995, p. 41).

O filme mazziniano aponta para uma terra de outrora, onde chama a atenção o exército Brancaleone, “aquele que vai sempre para o exterior a fim de superar crises” (BORGO, 1995, p. 41), mas que não consegue superar a própria crise da incomunicabilidade com sua origem.³ Muito tempo se passou e já não é mais possível compreender o ancestral, é a constatação “dele” ao voltar à base depois de uma longa excursão pelo exterior. Pela contiguidade da imagem, retorna-se ao real onde o narrador sofre a crise da perda da referência e reconhece que muito tempo se passou entre sua viagem a Itália e a Itália do tempo de seus avós. Seria um fato a aceitar a incomunicabilidade do idioma ancestral figurado no termo *risparmio*.

Ao sair do devaneio e voltar ao quarto de hotel, Mazzini capta o detalhe de um dos móveis. É a efígie de Julio César, fragmento romano de onde surge então Shakespeare, segunda confluência a substituir o filme e sua alegoria Brancaleone. A fala de Cássio em *Júlio César*, a peça, adverte Mazzini a não procurar o mal nas estrelas. Fala cifrada que faz muito sentido aos leitores que souberem colher pistas na brincadeira bio-ficcional da crônica.

O texto acaba sem apontar soluções maiores ao enigma da palavra estrangeira que, em tradução literal, significa “economia”, “reserva”. Chapada em uma parede amarela e, portanto, deslocada do contexto usual, *risparmio* ganha uma atmosfera lírica nas interconexões suscitadas pelo narrador. Transforma-se em obra de arte a ser compreendida com olhos também artísticos, longes do intuito de cercar as possibilidades de sua interpretação. O som das letras ecoa e busca equivalências fônicas, sem se preocupar com equivalências de sentido. *Risparmio* é Mazzini, ou melhor, o lado profissional de Ivan Borgo, estranhado a ponto de dar vazão ao lado poético do sujeito. O termo acaba que por aludir tanto às origens conhecidas quanto às desconhecidas do narrador/autor, transformando-se em um enigma ou uma decifração, a depender da visão projetada na narrativa. Ficção e real assim como

decifração e velamento são faces anversas da poética mazziniana. E o narrador brinca com elas com uma liberdade que confere aos seus textos um jogo intertextual alheio aos limites do que pode ser literatura.

A adoção do gênero crônica parece reafirmar a busca de uma liberdade narrativa de ordem lírica. Sobretudo quando se associa aos textos a ideia que o autor faz da crônica. Para Borgo, trata-se de um tipo de escrita que prescinde de um fim bem marcado, como ocorre nos contos. Além disso, a crônica traz estreito contato com a realidade, coisa que Borgo aprecia muito. Ao fazer um texto repleto de interferências de outros discursos, o autor não poderia desprezar as narrativas que compõem o chamado real. Em algumas crônicas, o uso do texto histórico dá um sabor a mais aos relatos. Exemplo disso é “Cafés/livrarias”, onde Mazzini conta o auge dos espaços cafés surgidos na Europa, a vida intelectual mantida neles e sua substituição na contemporaneidade por dois outros espaços: as lanchonetes e as livrarias.

Mazzini faz questão de nomear esses centros de vivência na cidade de Vitória, inventariando junto seus amigos, grandes nomes da literatura e artes do estado. Vale à pena citar um trecho que, frise-se, amostra uma parcela das referências feitas:

Faço questão de nomear aqui esses perigosos subversivos. Ao grupo inicial da Logos, que já comemorou dez anos de existência, pertenceram João Bonino Moreira e Sérgio Bechara. Depois vieram Victor Biasutti, Francisco Grijó, Carlos Campos Jr., Renato Pacheco, Ivantir Borgo, Hormízio Muniz, Luiz Guilherme Santos Neves, Getulio Marcos Pereira Neves, Fernando Achiamé, José Neves, Henrique Herkenhoff, Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa, Pedro J. Nunes, Michel Minassa Jr., Luiz Romero de Oliveira” (BORGO, 2003, p. 136-137).

Além de explicitar a vida intelectual da capital capixaba, Mazzini realiza uma ligação quase que inusitada de nossa cidade com o resto do mundo, ao criar contiguidade entre o pensamento dos cafés franceses com uma livraria local. Por assim dizer, Mazzini torna visível um lado até então invisível de Vitória. Ele mostra que o espaço urbano é híbrido, cabendo ao narrador da cidade desenhar em palavras os recantos onde o imaginário coletivo acessa com menos força. Se para muitos, Vitória não passa de uma província, talvez seja porque faltam narrativas que suplementem a cidade, formando uma experiência urbana mais plural.

É importante lembrar o papel do narrador como aquele que salienta o hibridismo urbano, entendido na forma de múltiplas culturas que ocupam um mesmo espaço. Os diversos canais de informação — com destaque especial ao papel da mídia — dão conta de multiplicar ainda mais os sentidos e experiências urbanos. Tudo converge para a criação de narrativas individuais e coletivas, formadoras de uma percepção fictícia (no sentido lúdico do termo). A cidade conta com um patrimônio histórico visível e material, mas nele encontra-se latente outro patrimônio, chamado por Néstor García Canclini de “patrimônio invisível e intangível”:

Este patrimonio constituido con leyendas, historias, mitos, imágenes, pinturas, películas que hablan de la ciudad, ha formado un imaginario múltiple, que no todos compartimos del mismo modo, Del que seleccionamos fragmentos de relatos, y los combinamos en nuestro grupo, en nuestra propia persona, para armar una visión que nos deje poco más tranquilos y ubicados en la ciudad (CANCLINI, 2007, p. 93).

Uniformizar a cidade é desarticular o poder da própria intertextualidade nesse espaço. O mesmo prejuízo provoca qualquer olhar que não se entenda parcial. Isso porque a cidade faz coexistir diferentes linguagens, tempos e experiências, sendo ela própria um somatório caótico de referências, à maneira de um *videoclip*.⁴ Em “Um olhar”, Mazzini tem forte a sensação de contradições referenciais da urbe ao ver sua *nonna* do distrito de Araguaia em plena Vitória de final dos anos quarenta. Diz ele: “Tomei um susto. Era muito difícil imaginar aquela velhinha andando pelas ruas da cidade” (BORGO, 1995, p. 65). Da parte de sua avó, o susto era o mesmo: “Confessou-me que estava realmente apavorada com tudo o que via na cidade. Nunca podia imaginar que a cidade fosse tão grande e com tanta confusão” (BORGO, 1995, p. 65). O estranhamento confirma a ideia de Canclini sobre a cidade como lugar para cada sujeito viver e principalmente imaginar.

Quando penso diretamente nas crônicas de Roberto Mazzini, esse imaginário urbano traduz-se em narrativas acumuladas que aguardam por passagens para se manifestar. O papel de cada fragmento colhido em ruas, livrarias, hotéis é ser esse duto comunicante, ponte da *memorabilia* do narrador até a (in)formação narrativa.

O leitor de Roberto Mazzini precisa ter consciência das associações imagéticas. Precisa desconfiar do significado literal de cada expressão apresentada, ficando longe de encarar a narração como gratuita. Uma ironia refinada promove a diatribe que tanto quer o autor em relação aos seus leitores. Muito se perde, caso referências a músicas, filmes, obras literárias e acontecimentos históricos não sejam percebidas. É preciso sempre lembrar que se trata de “cidades visíveis” os locais que Mazzini dedica-se a tecer. E sua visibilidade é intenso jogo de reconhecimento de falas, de lendas, de narrativas anteriores, enfim, de linguagem em potencial intenso de comunicação.

Referências

ABREU, Caio Fernando. *O ovo apunhalado*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas* (Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio). Belo Horizonte/São Paulo. Itatiaia/EDUSP, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*. Tradução José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 3. (Obras Escolhidas)

BORGIO, Ivan. *Crônicas de Roberto Mazzini*. Vitória: Ufes-SPDC, 1995.

_____. *Novas crônicas de Roberto Mazzini*. Vitória: Gráfica Espírito Santo, 2003.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução: Diogo Mainardi. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANCLINI, Néstor García. *Imaginarios urbanos*. 3. Ed. Buenos Aires: Eudeba, 2007.

SPEDICATO, Paolo. Ripensare la storia e la scrittura degli italo-brasilliani: ter voci dallo Espírito Santo. In: OLIVEIRA, Vera Lúcia et alii. *Revista de Italianística / Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: DLM/FFLCH/USP*, 2004, p. 19-27.

Notas

- 1 Refiro-me à coletânea de poemas da seção “Paisagem” em *Paulicéia desvairada*, de Mário de Andrade. Indiretamente, foram citados versos que fazem parte do poema “Paisagem nº 1”.
- 2 Em artigo para a revista *Italianística*, Paolo Spedicato afirma que é marcante nas colônias italianas estabelecidas no Espírito Santo a persistência do folclore de origem. No caso específico de Ivan Borgo, o comentarista salienta a constante recuperação de cenas familiares e de um cotidiano vividos no estado, e que também aludem à pátria dos antepassados.
- 3 Em outras crônicas, Mazzini faz referência àquilo que chama de “drama da incomunicabilidade humana”. Vide, por exemplo, o texto “Veneza e Hemingway”.
- 4 Esta noção da cidade videoclip aproxima-se da visão de Néstor Garcia Canclini em *Imaginarios urbanos*.



4º CONCURSO
ARTÍSTICO-LITERÁRIO
INSTITUTO SINCADES
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA
PARA A FORMAÇÃO DA CIDADANIA

Expediente



PRESIDENTE
Idalberto Luiz Moro

GERENTE EXECUTIVO
Dorval Uliana

COORDENADORA DE PROGRAMAS E PROJETOS
Ivete Paganini

COORDENADOR DE PROJETOS
Danilo Pacheco

JORNALISTA
Silvana Sarmiento Costa

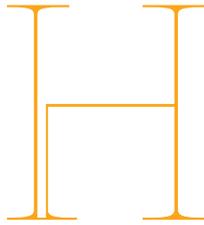
ANALISTA DE PROJETOS
Lívia Caetano Brunoro

ASSISTENTE DE PROJETOS
Patricia Soares

Palavra do Presidente

Idalberto Luiz Moro

INSTITUTO SINCADES E SINCADES



há quatro anos atrás, quando iniciamos o Instituto Sincades, tínhamos como foco o apoio à cultura. Naturalmente, não sabíamos ainda a dimensão que isto significava. Não tínhamos noção da diversidade de instituições parceiras que conosco dividiriam responsabilidades institucionais, nem de profissionais que seriam contratados, beneficiados e teriam oportunidade de expressar seus talentos por meio da nossa instituição. Nossos números, hoje, são impressionantes, considerando a realidade do Espírito Santo. O Governo do Estado tem sido parceiro em projetos que muito nos orgulham. A sociedade, hoje, reconhece o Instituto Sincades como uma importante entidade de apoio e fomento à cultura. Mais de 450 mil pessoas já foram, diretamente, impactadas pelo conjunto de nossas ações.

O foco na juventude, predominante nestas ações, acalenta a nossa esperança de vermos um futuro breve, onde as oportunidades do crescimento econômico encontrarão esses jovens mais felizes, informados, educados e humanizados.

Tudo isto é que move nosso esforço em realizar, pelo quarto ano consecutivo, o Concurso Literário Instituto Sincades.

Destinado à participação dos empresários, colaboradores e seus familiares, esta iniciativa conta com a importante assinatura, como realizadora, da Academia Espírito-santense de letras. Nossos imortais empenham sua credibilidade e os 91 anos de sua história para realizarmos conjuntamente um projeto que tem, mais que objetivos, sonhos que são de toda uma sociedade que quer aproveitar o bom momento econômico para crescer também na formação de um novo cidadão.

Agradecemos, penhoradamente a todos os que, nestes quatro anos participaram do concurso. São mais de mil inscritos nas quatro edições, com dezenas de premiados. Agradecemos aos acadêmicos que julgaram os trabalhos, aos empresários e executivos, que motivaram seus colaboradores a escrever, a participar. Agradecemos também aos pais, que animaram seus filhos a concorrer. Nessa hora, eles estavam contribuindo, de forma estruturante, para incentivar a adoção ao hábito da leitura e da escrita pelos seus filhos.

Esta tem sido a receita de sucesso. Assim continuará. Uma grande união de esforços em prol de um futuro melhor, com cidadãos que têm, com base na sua formação educacional, a oportunidade de exercer seus direitos e cumprir seus direitos de forma exemplar.

Muito obrigado a todos.

Vencedores

NARRAÇÃO



Wesley Moreira Oliveira

Empresa: MOTOCICLO S/A

Ler para sempre

Porque me sinto revigorado a cada página virada. Ler pra ter morada, base, riqueza diferenciada. E menos uma chance desperdiçada, uma alma embaçada. Quando leio, torno-me mais forte, e faço de mim casa de sentimentos bons. Onde a má fé não faz morada e a maldade não se cria. Ler faz bem pra mente e faz com que cada vez mais nos entendamos. Costumo dizer que ler traz renovo pra alma, suspiro, calma. Só de ler meus lábios se abrem de um lado ao outro, e logo vem um sorriso com gosto. Posso de tal forma viajar na imensidão de pensamentos e conceitos que, às vezes, complexos, sempre me preenche de sabedoria cada vez mais, e, acima de tudo, de bem estar. É de tal maneira, misturar de forma unificada e harmoniosa, lucidez com imaginação e pensamento. Sonho. Esperança. Realidade. Dinamismo. Que conseqüentemente é crescente, rica e cidadã. Tratando de assuntos cotidianos modernos, necessários e positivos. Isso é leitura!

E a diversidade de valores só aumenta. O estímulo de pensamentos e de querer ler cada vez maior. Quem lê existe, e quem existe pensa. Quem pensa logo tem opiniões, opiniões essas que se tornam em atitudes e são essas atitudes que podem mudar o mundo. São de pequenos atos, que ganhamos coisas gigantes. E por que não um futuro gigante em todos os sentidos. Você acredita? Só quem lê sabe o quanto é importante na formação de opiniões com base, e o quão imensa é a absorção de conhecimento e formação de ser humano completo, eu diria. Formação tal que, resumidamente e abrangentemente, consiste em definir um cidadão recíproco, consciente, sustentável, sábio, responsável e, acima de tudo, sinceramente feliz, que saiba viver no mundo atual. Afinal, é o que precisamos. Porque a vida está aí pra quem sabe viver...

Ler é ser feliz. É tornar-se gigante a cada dia. É ser real. Ler transforma, de dentro pra fora. Transborda. Renova. Traz mudanças, esperanças e resultados. Leitura faz-nos qualificados, estruturados e, com o tempo, nos faz enxergar o nosso papel na sociedade. O mundo é uma corrente em que os seus elos são seus habitantes, afirmo-lhes com total certeza e convicção, de que uma das mais preciosas ferramentas do saber é a leitura, e o saber é preciso, é uma necessidade e, acima de tudo, uma arte. Arte para poucos. Ler é assim, faz em mim, toca em mim, é parte de mim. Por isso, desejo que leiamos para sempre, e que sempre haja defensores da boa cultura, leitura, cujo conhecimento seja multiplicante, de boa qualidade e que chegue aos confins da terra. Leitura, sonho lírico. Felicidade à parte. Combina com música, dança, tempero e sabor. Afeto, amparo, carinho e calor. Ler pra sempre; constantemente. É o que há. Que nossos olhos, voltados pro papel cheio de vida, sejam nosso melhor amigo. Que haja mais incentivo à leitura, à escrita e formação cidadã. Afinal, o mundo precisa de ações ágeis e eficazes. Que a leitura seja multiplicada em ações. Ações por um mundo melhor.

Vinícius Afonso Catazano de Souza

Empresa: Polipeças Distribuidora Automotiva Ltda.

A importância da leitura na formação da cidadania.

Quando se começa a ler um livro
Uma porta se abre.
De página em página, vou entrando.
Onde vou parar, quem é que sabe?
Os personagens vão surgindo,
Um a um vão entrando na minha memória.
Passo a passo vou lendo, vou seguindo,
Até entrar no clima da história.
Pode ser uma história inventada,
Pode ser uma história real,
Quero sempre uma boa história
Para ser lida até o final.

Quando acabo, me sinto diferente,
Parece que fiquei mais humano,
Parece que fiquei mais consciente,
Com mais ideias e planos.
Já li alguns contos, algumas poesias,
Leio na internet, gosto de cultura,
Quem quer ter mais cidadania
Tem que ter gosto pela leitura.

NARRAÇÃO



Yasmim dos Santos Durão

Empresa: RDG AÇOS DO BRASIL S/A

O amiguinho que não gostava de ler

Carlos estava passando em frente da casa do seu amiguinho Lucas, viu que a janela estava aberta e viu que Lucas estava lá dentro lendo um livrinho, e perguntou:

– O que você está fazendo, Lucas?

Lucas respondeu:

– Estou lendo um livrinho que meu pai me deu, quer ver?

Carlos respondeu:

– Eu não, não gosto de ler, acho os livros muito chatos.

Lucas disse:

– Você não sabe o que está perdendo, com eles a gente aprende tanta coisa, conhece até lugares que não podemos ir, conhecemos os bichos, sabemos sobre os heróis que gostamos.

Carlos disse:

– Quando quero ver isto, eu vejo a televisão, que é mais divertido. Lucas torceu o nariz e falou:

– A televisão não faz a gente viajar na história, e lendo a gente se sente como se estivesse nela. Quer tentar?

Carlos respondeu:

– Está bom, sobre qual historinha você está lendo?

Lucas mostrou ao amigo:

– É sobre um menino que não gostava de ler.

Carlos disse:

– Nossa, acho que já comecei a gostar da história, porque parece alguém que eu conheço.

Os dois começaram a sorrir da situação, e, depois daquele dia, Carlos e Lucas se encontravam sempre em suas casas para lerem livros e mais livros, e até chamaram seus amigos para participarem de rodas de leitura.

Fim.

Vitória dos Santos Castro Maia

Empresa: Bressan Distribuidora de Peças e Motores

Eu leio e você ?

Leio todas as palavrinhas...
Até aquelas que vêm na sopa de letrinhas.
Com algumas faço confusão...
Principalmente se for um nome bem grandão.

Leio sem me cansar...
Para inteligente eu ficar.
Não é mole não, com esse monte de palavras com acentuação.

Leio para adquirir sabedoria,
e aprender mais e mais a cada dia.
Gosto de brincar, mas, quando eu leio,
minha imaginação voa pelo ar.

Leio com emoção...
Para, no futuro, eu ser um bom cidadão.

INFANTIL

HISTÓRIA EM QUADRINHOS



Laila Costa Machado

Empresa: BELMAX

“Fases da leitura na formação do homem”





Cristiane Paiva Siqueira

Empresa: ATACADO SÃO PAULO LTDA

A importância da leitura para a formação da cidadania

Quando criança, ficava a observar os adultos, olhando para aquele monte de letrinhas que se traduziam numa linda historinha.

À medida que fui crescendo, fui aprendendo a desenhar cada letrinha daquela e a descobrir que cada uma na sua individualidade tinha um som, uma forma de se expressar.

Conforme fui evoluindo, compreendi que várias letras juntas formavam verdadeiras palavras e isso me estimulava a querer sempre mais aprender a ler, queria compor minhas próprias histórias.

Hoje, adulta, compreendo que o meu mundo é melhor, pois sou uma cidadã formada, ciente dos meus direitos e obrigações, vivendo numa sociedade onde, infelizmente, nem todos tiveram a mesma condição de aprendizado; porém, graças ao hábito da leitura, me sinto mais humanizada.

ADULTO

POESIA



Mônica de Souza Meneguete Lopes

Empresa: MB 5 COMÉRCIO IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA

Ler é poder

Viajar pela leitura,
sem rumo, sem intenção,
e viver a aventura
que é ter um livro nas mãos.
A leitura é muito mais
que palavras pra entender.
Ler é bom demais
pra gente se desenvolver.
Desenvolver a consciência
e praticar a democracia,
ter cultura e sapiência
e conquistar a cidadania.

A leitura é importante
pra se ter conhecimento
e funciona a todo instante
como alicerce e cimento.
É com a ajuda da leitura
que se viaja sem deslocar
e a cada palavra se estrutura
a nossa forma de pensar.
A leitura ainda auxilia
na preparação do consumidor,
ela elucida a demagogia
e capacita o eleitor.

Na leitura o homem amplia
o conhecimento e a competência,
aprimora a grafia
e aumenta a eficiência.
A leitura é ferramenta
que serve para esclarecer
o que a cidadania representa,
o que é esse poder:
é respeitar a democracia,
é lutar pela nação,
é saber o que é direito,
é cumprir a obrigação

Para exercer a cidadania
é preciso cultivar
a inteligência, a força, a alegria
e saber comunicar.
Para ser um cidadão,
é preciso ler e estudar,
aprender a dizer não
e a realidade mudar.
Ser ou não cidadão
depende de cada um,
fazer a reflexão
e pensar no bem comum.



Romulo de Brito Souza

Empresa: MB5 Comercio de Importação e Exportação Ltda



VENCEDORES



REALIZAÇÃO



APOIO



EXECUÇÃO



UM PROJETO

